

VOLUME 1

TUDO O QUE VOCÊ
PRECISA SABER SOBRE
UMBANDA



JANAINA AZEVEDO

SÃO PAULO
2008

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua Tito, 1.609

CEP 05051-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Conselho Administrativo: Alessandro Gerardi, Alessio Fon Melozo,
Luis Afonso G. Neira, Luis Matos e William Nakamura.

VOLUME 1

TUDO O QUE VOCÊ
PRECISA SABER SOBRE
UMBANDA



JANAINA AZEVEDO

SÃO PAULO
2008

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2008 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Projeto gráfico

Fabiana Pedrozo

Editor

Tadeu Carmona

Diagramação

Fabiana Pedrozo

Stephanie Lin

Assistência Editorial

Aracelli de Lima

Carolina Evangelista

Renata Miyagusku

Capa

Jorge Godoy de Oliveira

Preparação de originais

Renata Miyagusku

Foto da capa

Bruno Araújo Rodrigues

Loja: O Rei dos Orixás

Revisão

Guilherme Laurito Summa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A994t Azevedo, Janaína.

Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda /
Janaína Azevedo. – São Paulo: Universo dos
Livros, 2008.

144 p.

ISBN 978-85-99187-91-3

1. Umbanda. 2. Religião. I. Título.

CDD 299.67

À minha mãe, Maria Emília, que me ensinou que a fé não precisa de nada além da força do nosso coração e vontade de aprender. À *Vovó Cambinda de Guiné*, por fazer de mim sua “muriquita”. Ao *Seu Junco Verde* pela paciência e à *Moça Rica* por me ensinar a ser mulher. Vocês foram os únicos que nunca deixaram minha fé morrer.

Por último, a Samaya, minha Cigana, por me ensinar tudo e um pouco mais, sendo a maior das sacerdotisas no meu caminho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	
FORMAÇÃO E ESTRUTURA DA UMBANDA.....	13
CAPÍTULO 2	
RAÍZES AFRICANAS.....	43
CAPÍTULO 3	
GUIAS E ENTIDADES AFRO-BRASILEIROS.....	95
APÊNDICES.....	131
BIBLIOGRAFIA	143

INTRODUÇÃO

*A Umbanda é paz e amor,
É um mundo cheio de Luz,
É força que nos dá vida,
E a grandeza nos conduz.*
Hino da Umbanda (trecho)

Falar de Umbanda, nos dias de hoje, é mais que realizar um mero estudo teológico sobre as manifestações ritualísticas de seus cultos, nas suas mais diferentes vertentes, pois para esboçar um quadro histórico, ritualístico e social das tradições e manifestações da Umbanda no Brasil, hoje, é necessário delimitarmos, em primeiro lugar, o que é a Umbanda.

Só que delimitar um conceito não é algo tão fácil, em especial quando falamos de religião – e justamente nessa palavra é que nos deparamos com as primeiras indagações: a Umbanda é uma religião ou uma seita religiosa? Quais são a filosofia e os fundamentos essenciais? Como ela surgiu?

Para começar a esboçar essas respostas, temos que entender quais os conceitos de religião e seita, tanto no âmbito social quanto no individual.

Vamos falar, primeiramente, de religião: do latim *religio* que significa “prestar culto a uma divindade”, “ligar novamente”, ou simplesmente “religar”, isto é, estabelecer ou restabelecer uma ligação, um contato intrínseco entre o Criador e cada indivíduo, pelos mais diversos meios de prática e estudo religioso. Ao falarmos de religião, estamos nos referindo a um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.

Quando falamos de seita, entretanto, nos referimos a um conceito sociológico que é usado para designar simplesmente qualquer, ideologia ou sistema que divirja da correspondente doutrina dominante, termo este que também pode servir para designar o próprio conjunto de pessoas (o grupo organizado que passa a fazer parte de tal doutrina, ideologia ou sistema), apresentando qualquer relevância ou representação significativa

social. Na prática, o termo é utilizado na maioria das vezes para designar relações religiosas, com o que por “seita” entende-se imediatamente “seita religiosa”. Justamente esse vínculo – errôneo por vezes, pois nem toda seita está no domínio religioso – foi o que gerou uma carga de significado negativo para o termo. O conceito essencial de seita para o estudo das religiões conecta-se diretamente com o de heresia, já que este significa o conjunto de idéias que, em princípio e face às consideradas dominantes, destas divergem e devem, portanto, ser rejeitadas. A questão da rejeição é, naturalmente, tão pura e simplesmente, apenas imposição do poder da estrutura ideológica que está no domínio. A Umbanda foi, por muito tempo, dita seita justamente por isso: por diferir e ser influenciada pelo catolicismo, então vertente religiosa dominante e potente.

Assim, estabelecidos esses conceitos, podemos dizer que a Umbanda é, por primazia, uma religião em todos os seus aspectos, e também uma seita, não de maneira pejorativa, mas no sentido primeiro da palavra, com seus tantos seguidores fiéis quer à religião, quer a toda prática religiosa que ela congrega.

Essa prática religiosa tem fundamentos doutrinários bem distintos, embora uma grande parte dos rituais possa variar de Templo para Templo, de Casa para Casa, alguns preceitos são fundamentais e encontrados na maioria dos lugares, o que faz com que possamos generalizar, com certa ressalva e cuidado, para todas as formas de Umbanda.

Assim, como um primeiro ponto, podemos falar sobre a existência de uma fonte criadora universal, um Deus supremo, chamado *Olorum* (proveniente dos mitos Iorubanos), *Oxalá* (sincretizado com Jesus Cristo e com o Deus Católico) ou *Zambi* (proveniente dos mitos oriundos principalmente das nações de culto “bantu”, como a nação Angola); em segundo lugar, cultua-se os Orixás como manifestações divinas (em um patamar semelhante ao dos anjos do catolicismo, mas mantendo o posto de divindade, e diferenciando-se destes por ter autonomia e poder de interferência direta no plano material), em que cada Orixá controla e se confunde com um elemento da natureza do planeta ou da própria personalidade humana, em suas necessidades e construções de vida e sobrevivência; ainda, é preciso falar das entidades espirituais, os guias, que se manifestam para exercer o trabalho espiritual incorporados em seus médiuns: em geral, essas entidades são espíritos ancestrais, encantados ou, ainda, espíritos desencarnados que, sob supervisão dos Orixás e de

outros espíritos em diferentes graus de evolução, incorporam os médiuns para, dotados de plenas capacidades do plano físico, aconselhar e trabalhar em prol dos encarnados.

Esse último item, na verdade, é a maior manifestação da crença de que a mediunidade é o mais pleno veículo de comunicação entre os planos físico e espiritual, um contato que busca a evolução, uma das mais importantes bases da Umbanda Tradicional que perdura até os dias de hoje. Ao lado desse preceito, tal qual no catolicismo, a Umbanda prega a imortalidade da alma, mas diferencia-se dele no sentido de acreditar na reencarnação e nas leis do retorno ou cármicas, pelas quais toda ação que praticamos terá uma conseqüência a ser “paga”, seja no plano material ou no espiritual.

Junto a esses, existem outros fundamentos tão importantes quanto, a exemplo, a obediência a ensinamentos básicos dos valores humanos, como fraternidade, caridade e respeito ao próximo. Para o umbandista praticante a caridade é uma máxima encontrada em todas as manifestações existentes, além de que, ele só segue uma doutrina, uma regra, uma conduta moral e espiritual, em geral modelada de maneira diferenciada em cada casa, mas que existe para nortear os trabalhos de cada terreiro.

Ultrapassada essa fase de entender os conceitos e conhecer os fundamentos, é necessário que falemos das origens da religião. Sabemos que a Umbanda, embora possuidora de um padrão ritualístico próprio e distanciado de qualquer outro, formou-se devido à junção de pelo menos quatro religiões: os diferentes cultos africanos trazidos pelos escravos negros provenientes da África; o catolicismo, base religiosa de todo o processo colonizatório brasileiro; as religiões de diferentes povos indígenas do próprio território; e, mais recentemente, ao instituir-se, no século XX, o espiritismo de Allan Kardec, principalmente.

Mesmo delimitando essas quatro raízes, há outras ainda bastante difusas, e mesmo para estas, atribuem-se diferentes nomes e parâmetros: podemos encontrar influências indígenas mais presentes na dita *Umbanda de Caboclo*; já as africanas ficam mais evidentes no chamado *Umbandoblé* e na *Umbanda Traçada*, além de outras mais recentes, fruto principalmente de junções com o esoterismo, religiões pagãs de origem européia e outras vertentes de cunho esotérico, que acabaram conhecidas como *Umbanda Esotérica*, *Umbanda Iniciática*, entre outras. Existe também a *Umbanda Popular* ou *de Tradição*, em que encontraremos um toque de cada veia ancestral.

Por isso é que não existe uma única história que conte, de maneira uniforme, a história de todos os caminhos e manifestações da Umbanda. Cada vertente tem as suas origens e história, entretanto, por convenção, desde a década de 1970, aceitou-se que Zélio Fernandino de Moraes (ver **Figura 1.1**) teria sido o anunciador da Umbanda por meio do Caboclo das Sete Encruzilhadas (ver **Figura 2.2**), em 1908, criando moldes e parâmetros, firmando fundamentos, bases e dogmas que possibilitaram sua institucionalização como religião. Mas esse marco não é, de forma alguma, o início dos trabalhos dos guias, tais como pretos velhos, caboclos, crianças, exus, entre outros, que já se manifestavam anteriormente, mas sem qualquer vínculo a uma instituição religiosa concreta, respeitando apenas os valores da mística ancestral.

Assim, não por dar preferência a qualquer dessas vertentes, mas por tentar seguir uma linha histórica a partir das influências primeiras da Umbanda de Tradição é que optamos por desenvolver este trabalho de pesquisa sobre esse gênero da religião. Este primeiro livro da coleção tem por objetivo falar da formação da Umbanda, historicamente, e de maneira sucinta e objetiva, descrever a estrutura básica de um templo. No segundo livro, nesse mesmo contexto, abordaremos doutrina e prática ritual, e no terceiro, indumentária e instrumentalização, isto é, o uso corrente de objetos, de ervas e outros, dentro e fora do templo.

Os livros serão sempre divididos em duas partes, a primeira – descrita acima – fala da religião de maneira geral e da estrutura que a comporta. A segunda parte de todos os livros sempre vai falar das raízes da Umbanda e vamos explorar ao máximo neste primeiro livro todas as influências de uma das raízes mais presentes na Umbanda, a africana. Assim, continuamos nossa empreitada falando de três das mais tradicionais entidades da Umbanda, frutos do processo sincrético que deu origem à religião afro-brasileira de que tratamos: Pretos-Velhos, Crianças (Erês) e Exús. No segundo livro, esse trabalho visa falar dos Caboclos e Boiadeiros, Marinheiros e Baianos e outras incorporações da Encantaria nacional. Já no terceiro livro, a idéia é falar sobre as outras influências que a Umbanda teve ao longo dos anos: a Jurema, o Catimbó e o Catolicismo, os Ciganos e os povos do Oriente, além do papel da Índia e da cultura árabe.

Para finalizar esta breve introdução, é necessário dizer algo muito importante: os conceitos aqui relatados podem diferir daqueles que são parâmetro e dogma em muitos templos por se tratarem de uma visão

generalista histórica, e não detalhada, mas panorâmica do culto em questão. Mais que uma religião, podemos dizer que a Umbanda é um conjunto de templos com diferenciadas práticas religiosas, possuidores de várias ramificações. As informações aqui expostas buscam esclarecer da forma mais abrangente possível sem discriminação ou preconceitos, pois, embora tenhamos escolhido lidar com aquela que está mais diretamente ligada à raiz histórica da criação do culto, isto é, a Umbanda de Tradição, todas as “Umbandas” têm suas razões de existir e de serem cultuadas: nenhum ser humano, especialmente no que concerne aos deuses, é detentor de qualquer verdade universal. A verdade que nos liga ao transcendente é única e verdadeira apenas dentro de nossas almas.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO E ESTRUTURA DA UMBANDA

FUNDADOR & ESPÍRITO DIRIGENTE

Zélio Fernandino de Moraes (**Figura 1.1**), fundador histórico da Umbanda, é o homem que institucionalizou a religião em 1908. Incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, ele fez os primeiros ditames sobre os fundamentos da religião.



Figura 1.1.:
O Fundador da Umbanda

O Caboclo das Sete Encruzilhadas (**Figura 1.2**), entidade atuante na Umbanda, é aquele que por meio do médium Zélio Fernandino, em 16 de novembro de 1908, fundou a Umbanda.



Figura 1.2.:
Caboclo das Sete Encruzilhadas

BANDEIRA E HINO DA UMBANDA

Figura 1.3.:
Bandeira da Umbanda



*Refletiu a Luz Divina,
Com todo seu esplendor.
Vem do Reino de Oxalá,
Onde há paz e amor.*

*Luz que refletiu na Terra,
Luz que refletiu no Mar;
Luz que veio de Aruanda,
Para tudo iluminar.*

*A Umbanda é paz e amor,
É um mundo cheio de Luz,
É força que nos dá vida,
E a grandeza nos conduz.*

*Avante Filhos de fê,
Com a nossa Lei não há
Levando ao mundo inteiro,
A Bandeira de Oxalá
Levando ao mundo inteiro,
A Bandeira de Oxalá.*

PRECE DE CÁRITAS
(abertura dos trabalhos)

*Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade,
dai a força àqueles que passam pela provação da vida,
dai a luz àquele que procura a verdade
E ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.*

*Deus! Dai ao viajante a estrela guia,
ao aflito a consolação, ao doente o repouso.*

*Pai! Dai ao culpado o arrependimento,
ao Espírito a verdade, à criança o guia e ao órfão o pai.*

*Senhor! Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.
Piedade Senhor, para aqueles que não Vos conhecem,
Esperança para aqueles que sofrem.
Que Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores
Derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé e a bondade.*

*Deus! Um raio, uma centelha de Vosso divino amor pode abrasar a Terra;
deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lá-
grimas secarão, todas as dores se acalmarão.
Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
Como um grito de reconhecimento e de louvor.
Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos de braços abertos, oh
poder! Oh beleza! Oh bondade! Oh perfeição!
E queremos de alguma sorte merecer a Vossa divina misericórdia.*

*Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós, dai-
nos a caridade pura, Pai, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade e
a humildade Senhor, que fará das nossas almas um espelho onde há de se
refletir a Vossa divina imagem.*

Que assim Seja!

HISTÓRIA & FORMAÇÃO

Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E, se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.

Caboclo das Sete Encruzilhadas, na Federação Espírita de Niterói, em 15 de novembro de 1908

FUNDAÇÃO E PRIMEIROS PASSOS

Zélio Fernandino de Moraes nasceu aos 10 de abril de 1891, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Fundador da Umbanda nos moldes em que ela existe hoje. Embora historicamente Zélio tenha sido o fundador (ou anunciador) da Umbanda, antes mesmo desse anúncio e da fundação e institucionalização da Umbanda, diversas formas de Culto com moldes muito semelhantes se desenvolveram.

A Umbanda nasceu com suas raízes no Catimbó, no Candomblé (quer os tradicionais, como os terreiros Nagôs e de Angola, quer nos Candomblés de Caboclos), influências estas trazidas tanto pelos próprios médiuns quanto pelos espíritos que se manifestavam nos trabalhos, até então rejeitados pela Federação Espírita kardecista por causa do seu “atraso” espiritual.

As formas que precederam Zélio Fernandino não tiveram influências dele, por isso, historicamente, alguns não o consideram fundador do culto como um todo, mas sim a pessoa que estabeleceu o marco zero da História da Umbanda.

Vindo de família tradicional, em fins de 1908, com dezessete anos de idade, Zélio preparava-se para o ingresso na carreira militar quando foi acometido por uma inexplicável paralisia, que os médicos não conseguiam entender, tratar ou curar, pois seu corpo parecia extremamente saudável embora não se manifestasse no sentido de fazer qualquer movimento da cintura para baixo. Certo dia, ele ergueu-se no leito, declarando: “Amanhã estarei curado”.

No dia seguinte, de fato, levantou-se normalmente e voltou a caminhar, como se nada lhe houvesse acontecido: os médicos não souberam explicar o ocorrido. Os seus tios, padres da Igreja Católica, surpreendidos, também não souberam explicar o fenômeno. Um amigo da família, então, sugeriu uma visita à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (então sediada em Niterói), presidida, na ocasião, por José de Souza.

Na ocasião de sua visita, o médium dirigente da sessão pediu que Zélio se sentasse à mesa, pois este teria um papel importante naquele dia. Foi quando se manifestou por meio de Zélio a entidade que se denominou Caboclo das Sete Encruzilhadas, anunciando a fundação de uma nova religião no Brasil: a Umbanda.

Durante a sessão na Federação Espírita do Rio de Janeiro, em determinado momento dos trabalhos, tomado por uma força desconhecida e superior à sua vontade que o deixava num estado de semi-consciência e, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer um dos integrantes da mesa, Zélio levantou-se e disse: “Aqui está faltando uma flor”, no que saiu da sala para conseguí-la.

Retornou em poucos momentos, trazendo uma rosa, que depositou no centro da mesa. Esse gesto causou um princípio de polêmica entre os presentes, mas dentro em pouco a corrente de energia fora restabelecida, só que, para surpresa geral, manifestaram-se, em vários dos médiuns presentes, espíritos que se identificaram como indígenas ou caboclos e escravos africanos. O médium-vidente que dirigia a sessão pediu que todos se retirassem, dado o “atraso” espiritual deles.

De acordo com Zélio, em entrevistas cedidas posteriormente, nesse momento ele sentiu-se novamente dominado pela estranha força espiritual, que fez com que ele falasse, sem saber o que dizia. Ouvia apenas a sua própria voz, perguntando o motivo que levava o dirigente dos trabalhos a não aceitar a comunicação daqueles espíritos, e porque eram considerados “atrasados” apenas pela diferença de cor ou de classe social que revelaram ter tido na última encarnação.

Os ânimos se exaltaram e os responsáveis pela mesa procuraram doutrinar – segundo as normas do kardecismo – e afastar o espírito que até então não se identificara, mas que permanecia até então, incorporado em Zélio. Embora a argumentação para tanto fosse muito sólida e pertinente dentro daquele ritual espírita, o espírito não ia embora, no que um dos médiuns-videntes perguntou então:

Afinal, porque o irmão fala nesses termos, pretendendo que esta mesa aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados, são claramente atrasados? E qual é o seu nome, irmão?

A resposta veio de pronto, com o que seria o primeiro passo na direção da formação do que conhecemos por Umbanda:

Se julgam atrasados esses espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho, para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem, e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E, se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.

O médium-vidente insistiu, com ironia: “Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?” Ao que a entidade logo respondeu: “Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei”.

No dia seguinte, a 16 de novembro, na residência de sua família, na Rua Floriano Peixoto nº 30, em Neves, acercando-se a hora marcada, estavam ali reunidos os membros da Federação Espírita, visando comprovar a veracidade do que havia sido declarado na véspera, alguns parentes mais chegados, amigos, vizinhos, e, do lado de fora da residência, grande número de desconhecidos.

Pontualmente às 8 horas da noite, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, declarando iniciado um novo culto em que os espíritos dos velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos do Brasil poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade (amor fraterno) seria a tônica desse culto, que teria como base o Evangelho de Cristo e como mestre supremo, Jesus.

Logicamente, presentes sacerdotes, quer do Catolicismo, quer da Federação Espírita, a entidade e seu médium foram submetidos a algumas provas: o Caboclo das Sete Encruzilhadas respondeu as mais diversas perguntas, até mesmo em idiomas desconhecidos de seu “aparelho”, o médium Zélio, como latim, francês e alemão. No que fez isso, deixando todos estupefatos, ele passou à parte prática da sessão, mandando que entrassem pessoas doentes e com deficiências físicas diversas. O que se realizou foi ainda um complemento indescritível a todos os presentes: algumas pessoas que não andavam há anos, saíram do lugar plenamente capazes de se mover e doentes quase que desenganados tiveram curas a olhos visíveis, segundo relatos da época.

Após estabelecer os fundamentos do culto e realizar a caridade de que falara antes na Federação, deu a tudo quanto se realizaria a partir daí um nome que possui os mais diversos significados, abrangendo desde as línguas africanas, ao sânscrito e as línguas tupis, pelo qual a religião se popularizaria: *Umbanda*¹.

Antes do término dos trabalhos, manifestou-se um preto-velho, Pai Antônio, tendo esse guia ditado o ponto hoje cantado em todo o Brasil:

Chegou, chegou, chegou com Deus/Chegou, chegou o Caboclo das Sete Encruzilhadas”

Com isso, no dia seguinte, foi fundada a primeira Tenda ou Casa de Umbanda, na própria residência: a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (**Figura 1.4**), assim denominada “porque assim como Maria acolhe o filho nos braços, também seriam acolhidos, como filhos, todos os que necessitassem de ajuda ou conforto”.

Dez anos mais tarde, em 1918, por orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Zélio viria a articular e fundar mais sete tendas de Umbanda. O Caboclo das Sete Encruzilhadas declarou que iniciava a segunda parte de sua missão: a criação de sete templos que seriam o núcleo a partir do qual se propagaria a religião de Umbanda. A tarefa ficou completa com a fundação da Tenda São Jerônimo (a Casa de Xangô), em 1935. Já em 1939, o Caboclo determinou que se fundasse uma fede-

¹ Ver Apêndice II – Origens do nome Umbanda.

ração, posteriormente denominada como União Espírita de Umbanda do Brasil, visando atuar como núcleo central doutrinário para congregar os templos umbandistas.

As atividades de Zélio diminuíram o ritmo por volta de seus 55 anos, no que passou a direção da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para as suas filhas Zélia de Moraes Lacerda, hoje já falecida, e Zilméia de Moraes Cunha. Feito isso, fundou a Cabana de Pai Antônio, em Cachoeiras de Macacu, no estado do Rio de Janeiro, onde se estabeleceu e onde ficou até a sua morte, em 1975, com 84 anos de vida.

É certo que esse início da história da Umbanda de Tradição em muito se confunde com a história de seu fundador e da entidade que dirigiu essa fundação nos primeiros anos e considerando suas primeiras atividades. Também é uma história polêmica, pois é, efetivamente, a primeira religião a colocar-se em contato direto com as classes de pouco prestígio da sociedade, quebrando tabus ao valorizar uma sabedoria aquém e além dos livros: a sabedoria de cunho popular, de tradição oral, aquela que é passada de uma geração a outra, e com a fundação da religião de maneira oficial, agora entre os espíritos dotados de muito desse conhecimento tradicional popular àqueles que ainda são espíritos encarnados e limitados pela matéria.



Figura 1.4.:
Casa da Tenda Espírita
Nossa Senhora da Piedade

POLÊMICA E PERSEGUIÇÃO

Desde seus primórdios, a Umbanda firmou-se como uma religião polêmica, desde seus primeiros anos de existência até os dias de hoje.

Quer falássemos de ricos ou pobres, homens, mulheres ou crianças, quer qualquer pessoa indiferente de distinção de sexo, cor ou condição social, as portas estavam abertas a todos que precisassem de conforto, espiritual ou físico que pudesse ser oferecido quer pelos médiuns, quer

pelos espíritos. Isso não era oferecido de maneira efetiva por nenhuma das religiões que se disseminavam até então.

O catolicismo mantinha seu papel elitista e seu discurso conservador sobre concepções de pecado e, apesar de muitos padres terem apoiado abertamente os movimentos abolicionistas do fim do século anterior, os contatos dos negros com os cultos afro-brasileiros não eram bem vistos, fazendo com que a Igreja renegasse todos os negros de maneira geral, sem contar que os brancos pobres e os mestiços também eram excluídos por não poderem ser dizimistas ou colaboradores financeiros freqüentes, pelo menos não como os mais abastados.

Já os cultos africanos fechavam-se cada vez mais em círculos restritos, o conhecimento das práticas era cada vez mais sigiloso e disseminava-se com freqüência e força a prática constante da magia e da feitiçaria; nesse contexto, muitos dos cultos de ancestralidade e encantaria (isto é, cultos aos espíritos) foram rejeitados e excluídos dos terreiros de Candomblé, dando lugar aos trabalhos, ebós e despachos, tornando os fiéis e freqüentadores em “clientes” e começando um fenômeno negativo que se arrasta até hoje, cada vez mais comum e disseminado: o comércio de rituais.

Mais que isso, muitos terreiros de Candomblé iniciaram um processo de rejeição à Umbanda, afirmando não existir qualquer culto africano que trate com espíritos, somente cultos de Orixás, dizendo que tudo quanto era feito pela Umbanda não passava de farsa ou charlatanismo, que não existem espíritos evoluídos, apenas “Eguns”, isto é, espíritos desencarnados pouco dotados de evolução espiritual, que se aliarão aos encarnados em busca de relações viciosas ou de se manter perto da matéria, tentando iludir-se com as sensações e materialidade dos vivos.

As difamações mútuas (por parte de Umbanda, de que o Candomblé só tinha mercenários, por parte do Candomblé de que a Umbanda só tinha charlatões) criaram certas rinhãs entre as duas religiões e um fenômeno muito constante: não raro é, até hoje, o processo de migração de pessoas que, criadas no Candomblé, vão para a Umbanda procurando sair do círculo vicioso do comércio de rituais e da Umbanda para o Candomblé, de pessoas que buscam se aprofundar no culto ao Orixá, sem abandonar, contudo, o culto aos encantados, espíritos-guia e ancestrais.

Já a Federação Espírita mantinha, até então, julgamentos de “evolução espiritual” baseados na erudição e na casta social. Não se via mes-

tiços ou ex-escravos com frequência fazerem parte das sessões, o que elitizava a religião. O kardecismo foi se espalhando como uma religião de classe média para cima, de comerciantes, banqueiros e outros. Assim, a Umbanda foi excluída de seus parâmetros, por vezes respeitada, mas em muito rechaçada.

A Umbanda ainda foi alvo de perseguições por aceitar sem muitas restrições, na grande maioria das Casas, os adeptos que fossem homossexuais ou bissexuais, entendendo, por exemplo, que o sexo é uma questão física, que o amor pode e se manifesta por meio da essência ou polaridade do espírito, das energias afins dos indivíduos, desmitificando as concepções de pecado e sendo uma das primeiras a abolir tabus sexuais no âmbito religioso. Essa contrariedade ao dogma católico do qual ela se permite participar desde sua fundação foi alvo de críticas e perseguições, o que não enfraqueceu, pelo contrário, aumentou a força e a criação de subterfúgios da entidade para desviar dos obstáculos impostos e manter-se como instituição social.

Outras perseguições religiosas se deram por motivos diversos, em vários estados do Brasil, mas prioritariamente em São Paulo e Rio de Janeiro, onde seu número de adeptos é maior e mais assíduo. A exemplo, pode-se citar a história da Associação Espírita Luz e Verdade, um Templo de Umbanda localizado em São Paulo, onde sua importância é tamanha que sua história se confunde como os primórdios das tendas no Estado.

Seu fundador foi Félix Nascentes Pinto, nascido a 1º de abril de 1900, no estado do Rio de Janeiro. Sua primeira manifestação mediúnica ocorreu aos 25 anos de idade. Procurou então o Sr. Benjamin Gonçalves Figueiredo, da Tenda de Umbanda Mirim, na Rua São Paulo, onde começou o seu desenvolvimento mediúnico e umbandístico.

Naquela época, a perseguição à Umbanda era muito grande no estado, conservadoramente católico, e ele, aconselhado pelo Sr. Benjamim, mudou-se para a Bahia, onde foi iniciado no Candomblé. Mudou-se para São Paulo após a Revolução de 1930, que também enfrentava acirradas perseguições aos umbandistas.

Após muito tempo de empenho pessoal, numa reunião realizada em 2 de Abril de 1953, firmou a ata de fundação da Associação Espírita Luz e Verdade, casa do Caboclo Arranca Toco. Durante todos esses anos, milhares de pessoas passaram em aconselhamentos, centenas de médiuns

foram desenvolvidos, outros tantos saíram com formação e fundaram suas próprias Casas.

A Umbanda continua, até os dias de hoje, a prosperar e construir uma obra admirável baseada nos princípios daqueles que a idealizaram e lutaram por sua instituição e fixação: amor, respeito e aceitação.



Figura 1.5.:
Médium na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, 1958, incorporação de Preto Velho

ESTRUTURA DA CASA DE UMBANDA

*“Dê de graça, o que de graça recebestes com amor,
humildade, caridade e fé.”*

Provérbio da Umbanda

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conquanto a Umbanda seja uma junção de elementos africanos (Orixás e culto aos antepassados), indígenas (culto aos antepassados e elementos da natureza), católicos (o europeu, que trouxe o cristianismo e seus santos que foram sincretizados pelos negros africanos), espíritas (fundamentos espíritas provenientes especialmente do kardecismo, reencarnação, lei do carma, progresso espiritual etc.), ela é dotada, como

poucas religiões do mundo, de um sincretismo ímpar, miscigenando conceitos e valores de todas essas origens.

Nesse contexto, a Umbanda prega uma existência pacífica e respeito ao ser humano, à natureza e a Deus, e até mesmo por suas origens tão diversificadas, a Umbanda possui um caráter plural, compreendendo a diversidade e valorizando as diferenças. Não há dogmas ou liturgia universalmente adotados por todos os praticantes, o que permite uma ampla liberdade de manifestação da crença e diversas formas válidas de culto.

A HIERARQUIA

O culto umbandista se realiza, prioritariamente, em dois tipos de lugar: no Centro, terreiro ou templo/tenda, mas também pode se realizar, em ocasiões de festividade, comemoração ou trabalhos, no ambiente natural de alguns dos Orixás – pedreiras, cachoeiras, beira-mar etc. É então que os umbandistas e demais freqüentadores se reúnem para os atos celebratórios em honra de seus Orixás e guias, momentos estes conhecidos por Giras.

Como uma religião espiritualista, a ligação entre os encarnados e os desencarnados se faz por meio dos médiuns. Na Umbanda existem várias classes de médiuns, de acordo com o tipo de mediunidade. Normalmente há os médiuns de incorporação, que irão “emprestar” seus corpos para os guias e para os Orixás.

É preciso dizer, antes de tudo, que a diferenciação dos nomes de postos e cargos dentro das casas de Umbanda varia, dada a liberdade litúrgica típica da própria instituição. Um perfeito exemplo disso começa no topo da pirâmide hierárquica: o nome do responsável ou chefe de culto pode variar muito, de casa para casa, embora o mais comum seja Pai ou Mãe, ou as respectivas versões em iorubá – *Babá* e *Yiá* – ou em quimbundu – *Mametu* e *Tatetu*, ou simplesmente *Mame* ou *Tatá* – que são influências das raízes africanas, remetendo ao vínculo espiritual de família que se cria entre os membros de uma Casa e à fraternidade que deve existir entre os filhos de um pai ou uma mãe. Não raro é que encontremos, também, nomeados os chefes por Sacerdote ou Sacerdotisa, Zelador, Dirigente, Diretor(a) de culto, Mestre(a), sempre dependendo da forma escolhida em cada Casa. Esses são os médiuns mais experientes e com maior conhecimento, normalmente fundadores

do terreiro ou seus herdeiros escolhidos pelo plano material da casa, isto é, os mais velhos, e pelo plano espiritual, os guias e Orixás; eles coordenam as sessões e giras, além de incorporar o guia-chefe, que comandará os trabalhos.

Embora muitos defendam que os termos pai-de-santo e mãe-de-santo não devem ser aplicados na Umbanda, pois esses termos são oriundos do Candomblé, a proximidade entre as duas religiões faz com que, em muitas Casas, até mesmo por haver em muitos momentos a concomitância de culto, o termo seja livremente empregado de maneira genérica e respeitosa para com o sacerdote de Umbanda.

Esse processo de incorporação do modelo africano de função e nomeação não se dá exclusivamente para o cargo de chefia do terreiro, muitas outras partes da estrutura das Casas de Umbanda derivam das articulações herdadas do Candomblé.

Em geral, a chefia da Casa (**Figura 1.6**) divide-se em duas cúpulas: a espiritual e a material. A primeira é formada por ao menos três entidades congêneres, semelhantes ou afins quanto à missão no plano físico.

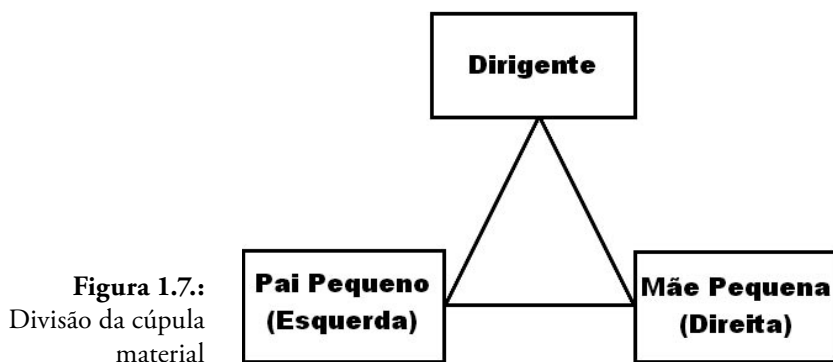


Figura 1.6.:
Divisão da chefia da Casa

Existe entre eles uma hierarquia singular, formando um triângulo equilátero perfeito, símbolo do equilíbrio, sendo que a entidade do vértice superior do triângulo é o Orientador, que será substituído, em caso de necessidade, primeiro pela entidade do ângulo direito da base do triângulo e depois, na sua falta, pela entidade do ângulo esquerdo da base.

As demais entidades do Terreiro ou Centro, assim como todos os participantes, acatam e fazem cumprir as ordens da Cúpula Espiritual.

Já a cúpula material (**Figura 1.7**) é comandada pelo Dirigente, pela Mãe Pequena e pelo Pai Pequeno. Essa tríade é formada, em geral, pelos médiuns que incorporam as entidades que comandam os trabalhos da Casa. Assim, o triângulo da cúpula material vai organizar-se da seguinte maneira:



Assim, para entender melhor cada um desses papéis e outros decorrentes da necessidade de organização espiritual e material da Casa, falemos mais detalhadamente sobre essas relações, a começar pela Mãe Pequena e pelo Pai Pequeno, que são os responsáveis materiais pelo cumprimento das ordens, quer espirituais, quer físicas, transmitidas pela Cúpula Espiritual.

São eles quem controlam a interação de todos os médiuns na disciplina, na pontualidade, no uso dos uniformes e paramentações, na organização e agendamento das obrigações da Casa e de seus frequentadores, festividades etc. Toda a parte material dos rituais de um terreiro é responsabilidade de ambos, além de que, quando não incorporados, eles são os Cambones especiais do Guia Chefe dos Trabalhos.

Há casos, também, em que para esses casos são escolhidas pessoas cujos guias e Orixás sejam “de Trono”, isto é, não incorporem, exceto em raríssimas ocasiões muito especiais ou que nunca incorporem. Não raro é que, nesses casos, os médiuns possuam outro tipo de dom mediúnico que não a incorporação, a exemplo, a clarividência, a vidência do passado do presente e do futuro, sensibilidade, visão para aura e energia espiritual, sensibilidade física, visão e audição de espíritos e outras entidades, poder da palavra, do canto, dom para o toque de curimba ou atabaque,

energia de transporte, entre outros. Esses dons são tão importantes para o terreiro quanto o de incorporação e de suma importância para o desenvolvimento de determinados trabalhos para os quais, em geral, alguns médiuns de incorporação são bastante limitados.

Continuando a discorrer sobre os cargos na Casa de Umbanda, falemos um pouco sobre os Cambones: estes são pessoas bastante especiais, uma vez que são os responsáveis, na Casa, por cuidar dos médiuns enquanto as entidades usam seus corpos para o trabalho designado pelo plano espiritual. Em geral, são pessoas de uma grande evolução espiritual, que podem ou não incorporar, isto é, seus guias e Orixás podem vir ao plano físico, ou simplesmente trabalhar única e exclusivamente no plano espiritual. Mais que isso, o Cambone se vale de sua força para manter o equilíbrio das atividades e atender da melhor forma possível às necessidades da Casa e de todos que a freqüentam.

Um deles, habitualmente, é escolhido para ser o Cambone de Ebó, subordinado diretamente à Mãe Pequena ou ao Pai Pequeno, sendo o único responsável por todas as entregas de trabalhos com energias negativas ou frutos de limpezas e purificações que forem feitas no terreiro. A força espiritual necessária para tanto deriva de muito equilíbrio e disciplina.

Muitos Cambones também são responsáveis por doutrinar entidades que vêm despreparadas ao plano físico ou com vícios da vida que tiveram outra. Eles são os responsáveis por auxiliar nos atendimentos, cuidar para que as entidades obedeçam aos limites dos corpos de seus médiuns, servir para as entidades, quando possível e necessário, bebidas e tabaco, mas também conseguir evitar abusos com relação ao uso desses nos ritos do terreiro.

Logo em seguida, temos a Iaba, ou Iabasé, a mulher responsável pela cozinha do terreiro, pela confecção da comida, quer das entidades e dos Orixás, quer de toda e qualquer comida necessária nos trabalhos. Uma herança direta dos ritos africanos, a comida e a bebida são vistas como alimento do corpo e da alma, portanto, são feitas de maneira sagrada, sem desperdício, com amor e na caridade, pois com o mesmo se paga àquilo que com amor e caridade se recebe.

Na falta da Iaba, muitas Casas se valem da Mãe Cota, outra herança direta dos cultos africanos, especialmente de Nagô e Angola, figura que se caracteriza por ser, em geral, a Cambone mais velha e mais respeitada do terreiro, aquela que passa adiante o conhecimento e, por isso, pode substituir qualquer função no caso de uma emergência ou ausência.

As funções anteriormente descritas, em geral, são tipicamente femininas. Outras, contudo, são tipicamente masculinas, como o caso dos postos destinados a ogã. Dentro de uma Casa de Umbanda podemos encontrar o chamado Ogã Calofé, isto é, o responsável por toda a curimba a ser puxada no terreiro, instrutor de toques de atabaque e responsável, abaixo da Mãe Pequena, pelo desenvolvimento do Pé de Dança, pois é uma pessoa especialmente preparada para isso.

Em geral, o toque do atabaque é atividade própria dos ogãs e, ao lado do Ogã Calofé, o Ogã de Curimba tem uma função bastante específica: ele puxa e responde aos pontos cantados durante a gira ou em qualquer outra ocasião necessária e subordina-se, em primeiro lugar ao Ogã Calofé, depois à Mãe Pequena e, em última instância, ao Chefe do Terreiro. Outros ogãs de atabaque encorpam o coro de percussão.

O papel deles no terreiro é fundamental, pois cada ponto tem um ritmo, uma maneira certa de ser tocado, pois a vibração combinada com a entoação das palavras conduz ao transe que permite a incorporação do médium.

Por último, é essencial falar que existem os chamados Terreiros de Nação, isto é, Casas de Umbanda diretamente ligadas a alguma nação do Candomblé. Comumente, essas manifestações de culto conjugado foram chamadas de Umbandomblé, dada a miscigenação dos cultos. Nessas variantes, os nomes sofrem grandes modificações e surgem cargos antes inexistentes na casa tradicional de Umbanda.

Um exemplo disso é o médium que detém a Mão de Ofá e a Mão de Faca. O primeiro está preparado especialmente para fazer a colheita e a “quinagem” das ervas usadas na Umbanda para amacis, confirmações, remédios e banhos de purificação. Já aquele que detém a mão de faca é aquele que pode executar sacrifícios de animais quando necessário.

Para finalizar, é necessário dizer que a existência de uma hierarquia não torna um ser humano superior ao outro por ocupar um cargo mais elevado ou um posto de maior prestígio. Vale lembrar que a Umbanda se baseia na igualdade entre os homens e na fraternidade. Entre irmãos, não há superiores ou inferiores. Todos são filhos do mesmo pai.

A DISPOSIÇÃO ESPACIAL DO TERREIRO

Um terreiro para a prática da Umbanda deve estar preparado de maneira a poder abarcar todos os trabalhos ali realizados. Para isso, uma

disposição correta dos espaços é mais que necessária, pois certas energias não devem se misturar, mesmo convivendo dentro da mesma Casa ou do mesmo terreno.

A seguir, um pequeno esboço do que poderia ser um terreiro ideal. É óbvio que nem todos os lugares já estabelecidos dispõem de tal colocação dos espaços, por isso adaptações são necessárias, mas as colocamos assim neste apêndice por refletir, com equilíbrio, uma distribuição espacial boa daquilo que se espera de uma casa de Umbanda.

Ainda, é necessário dizer que, tentando ser o mais genéricos possíveis, adaptamos aquilo que foi trazido principalmente dos chamados Terreiros de Nação, isto é, Casas de Umbanda que, por ter dirigentes também pertencentes especialmente ao Candomblé, do Catolicismo e do Kardecismo, fizeram-no de maneira a cobrir todas as necessidades energéticas possíveis.

Vamos começar falando da parte exterior, do momento em que se entra na Casa, até o seu interior. Assim, começamos por recomendar alguns detalhes de suma importância:

1. É necessário (indiscutível) que a base da Casa esteja em contato direto com a terra, não sendo, por exemplo, um apartamento, isso porque um dos pontos primordiais é o contato com a natureza e deixar fluir livremente a energia que dela provém (mesmo que a Casa tenha mais que o andar térreo, nele ficam os espaços em que são realizados os rituais impreterivelmente).

2. Também aqui é necessário dizer que o imóvel no qual for aberto um Templo deve ser próprio, ou ao menos isso é desejável com o tempo, já que a hereditariedade da Casa deve ser conservada e, uma vez firmado um Templo, ali será para sempre um Templo.

3. É necessário também haver um espaço, quer em vasos, quer em terra – o mais recomendável –, para cultivar plantas, já que um dos pontos altos dos ritos em geral é o uso de ervas de maneira curativa.

4. É desejável que a Casa possua por perto alguma disposição de mata ou campina e água corrente limpa por perto (fonte, riacho ou cachoeira), que serve para rituais, de acesso fácil, que não precisa ser necessariamente dentro do terreno, pois com freqüência é necessário ir até esse tipo de lugar.

5. Por último, é desejável manter um chão de terra batida ou pisada e/ou grama. Embora muitos argumentem aqui que isso pode acarretar sujeira e transtornos nas chuvas, isso é essencial, pois o contato direto

com a terra, além de “descarregar” as energias negativas, é necessário para estabelecer vínculos com a natureza.

Assim, no exterior da Casa (**Figura 1.8**), temos dispostos necessariamente e em ordem desde a entrada até a Casa: a tronqueira (logo na porta de entrada); seguindo pelo lado esquerdo, a Casa de Exu e o Cruzeiro das Almas (brevemente distanciados); seguindo pelo lado direito, ervas (quando houver, plantadas), Ogum e seus apetrechos de ferro (ele fica do lado de fora para “correr gira”, sendo este o ambiente mais propício) e um espaço dedicado aos sacrifícios ou matanças, quando quer que isso seja necessário, lembrando que estamos nos baseando nas Casas de nação para tentarmos ser o mais completos possível:

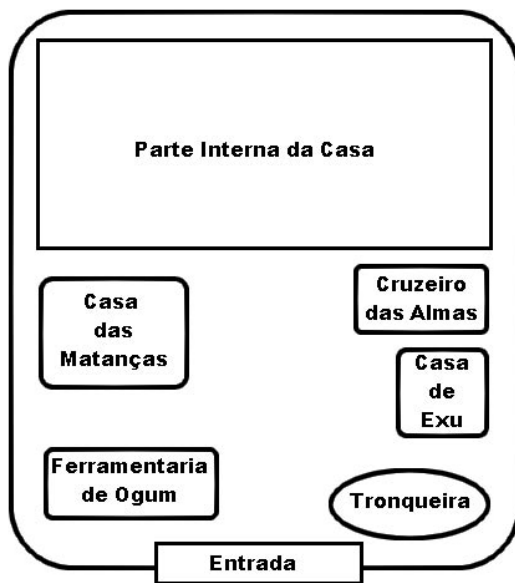


Figura 1.8.:
Distribuição espacial de uma Casa de Umbanda

Falando especificamente de cada um dos espaços internos da Casa, vamos começar falando da tronqueira: é o local onde é firmado o assentamento da entidade (ou entidades) que protege a Casa e comanda as atividades no plano espiritual. É assim chamado porque em geral esse assentamento é feito embaixo da terra, e uma árvore plantada por cima, ou, se já existir uma árvore mais velha e robusta, uma de suas raízes é

levantada e sob ela colocada a pedra de assentamento. Feito isso, a tronqueira serve, também, como um termômetro para a Casa: quanto mais frondosa a árvore, mais bem-sucedidos e mais positivos são os trabalhos ali realizados, pois ela passa a ser um veículo constante de contato entre o plano físico e o espiritual. Ela fica na entrada justamente para barrar o acesso de pessoas e energias negativas.

Indo para o lado esquerdo, temos a Casa de Exu. Ali estão assentados os exus que protegem a Casa (em geral, os exus do dirigente primeiro da Casa, porque, mesmo que ele desencarne, essas entidades continuarão responsáveis por zelar pelos caminhos e pela materialidade da Casa. Além desses, ficam ali as imagens dos exus e espaços para bebidas e cigarros das entidades² dos filhos e freqüentadores da Casa. É também um espaço para os trabalhos feitos sob a vibração das energias dessas entidades e local destinado à guarda dos apetrechos dos “Compadres”, das obrigações dos mesmos, e da troca de roupa dos médiuns, quando incorporados com os exus. Em geral, evitar-se-á que as Festas de Exu ocorram dentro da Casa propriamente dita, não porque a energia dessas entidades não seja boa (o que é um tremendo equívoco), mas porque, para efeito de ambiente apropriado, Exu é Povo de Rua, ambientes fechados não são os mais apropriados para esses fins.

Ainda do lado esquerdo e mais acima, temos o Cruzeiro das Almas, que nada mais é que uma lápide de mármore ou madeira, com três degraus, e no alto desses degraus, uma cruz, a Cruz das Almas. Esse espaço destina-se à queima de velas para as almas, provenientes de promessas, compromissos etc.

Em geral, algumas Casas de Nação trocam o Cruzeiro das Almas por uma Casa de Egun, o orixá que é um espírito ancestral muito evoluído desencarnado, zelador de uma comunidade, que escolhe permanecer entre o mundo dos vivos e dos mortos para zelar pelos seus, cujo culto é típico da Ilha de Itaparica, na Bahia. As funções não são muito diferentes, exceto que, nesse caso, no centro da Casa, além do assentamento que prende o Egun à terra teremos também um assentamento de Iansã, Senhora dos Espíritos, Iansã Balé (ou Igbalé, se seguirmos a grafia reco-

2 Ver Apêndice II – O Uso de Bebidas e Tabaco na Umbanda e o Sacrifício de Animais.

mendada para o Iorubá), aquela que leva as almas ao Mundo dos Mortos. No caso de termos a Casa de Egun no lugar do cruzeiro, somente o dirigente, alguns cambones homens e ogás por ele apontados e o Pai Pequeno podem entrar no local. Mulheres, por gerarem a vida, não devem se adentrar no local, exceto no caso da dirigente da casa, mas, ainda assim, é recomendável que essa função seja passada ao Pai Pequeno³.

Passando ao lado direito, temos a ferramentaria de Ogum, local onde ficam as ferramentas (ferros, suportes etc), facas e outros objetos cortantes, enxadas, foices, machados, ao lado do assentamento do próprio orixá ou de sua imagem (no caso dos terreiros que não têm vínculos com o Candomblé ou qualquer nação). Ali é o espaço do Orixá do Ferro e das Estradas, Ogum é quem traz trabalho e prosperidade àqueles que se empenham em construir algo.

E por último, a Casa das Matanças⁴, um dos locais mais controversos entre as casas de Umbanda, pois muitas, hoje em dia, pregam que não há qualquer necessidade em continuar com os sacrifícios de animais. A nossa discussão, ao menos neste trecho, não entrará nesse quesito, assim vamos nos ater em descrever o local, tão-somente. A Casa é um espaço onde ocorrem os sacrifícios, quer para trabalhos, quer para assentamentos. Ali, tudo está disposto para, da melhor forma possível, recolher o sangue, limpar o animal, retirar os órgãos internos dos quais se fará comida para o Orixá ou entidade, preparar a carne que seguirá para a cozinha para alimentar tanto as pessoas da Casa quanto de fora, com a máxima discrição possível, já que esses rituais em geral requerem sigilo e concentração. Assim, é recomendável que haja um balcão elevado, feito de pedra preferencialmente (já que a madeira mancha com sangue e apodrece com umidade), bacias de ágata de vários tamanhos sempre à mão e muita ventilação e iluminação natural.

Feito isto, falamos de todas as partes externas a uma Casa de Umbanda. Passemos então à parte interna, que para ser completa deve dispor, obrigatoriamente, de Pegí ou Congá (o altar), o barracão (a parte desti-

³ Ver Apêndice III – Os papéis Masculino e Feminino na Umbanda e a Homossexualidade no culto.

⁴ Ver Apêndice II – O Uso de Bebidas e Tabaco na Umbanda e o Sacrifício de Animais.

nada aos trabalhos de desenvolvimento e de atendimento) e a assistência, que por vezes é dividida do barracão apenas por uma pequena amurada, cortina ou corrente e por vezes fica também externa à casa ou circundando o barracão, que é onde ficam as pessoas que assistem aos cultos, as festas ou vão receber atendimento, além das alas dos atabaques (onde ficam todos os instrumentos usados para cantar e tocar os pontos), a Camarinha ou Roncó, dependendo da formação da Casa (um espaço particular para rituais e oráculos), os Quartos de Orixá e a Jurema e, por fim, a Cozinha.

Veja abaixo uma sugestão de disposição (**Figura 1.9**):

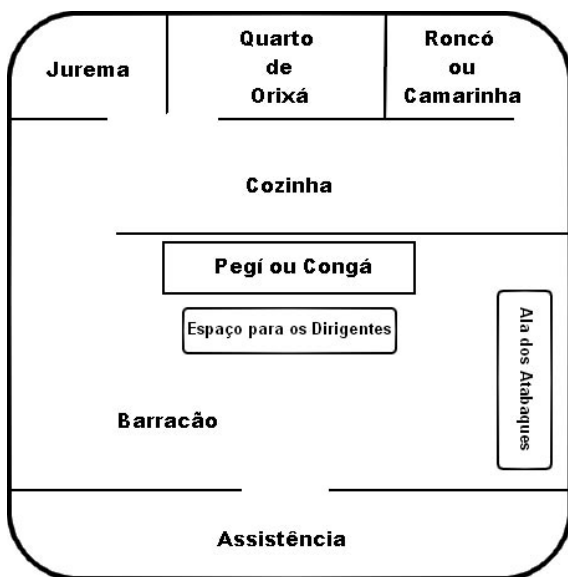


Figura 1.9.:
Sugestão de disposição na parte interna da Casa de Umbanda

É necessário entender a serventia de cada uma das partes da Casa. Vamos, em primeiro lugar, falar da parte mais interna: os três espaços que devem ficar aos fundos da Casa ou, se não for possível, devem ser dispostos de maneira que o acesso a eles seja restrito e altamente controlado: a Jurema, o Quarto de Orixá e o Roncó ou Camarinha.

Começemos falando da Jurema, um espaço dedicado a abrigar os assentamentos, imagens, paramentações e utensílios da maioria das entidades da Casa (lembrando que aquelas que pertencem aos Pretos-Velhos fica, em geral, em espaço contíguo ao Cruzeiro das Almas – quando há

– e que os pertences de Exu ficam no quarto a ele dedicado). Isso inclui Caboclos, Marinheiros, Ciganos, Crianças, Baianos, Mineiros, Boiadeiros e Mestres. Também é o local onde são postas a fermentar e energizar bebidas como a Jurema e o Aluá de Caboclo, o Café dos Ciganos, os doces que serão distribuídos na época das festas de São Cosme e Damião, entre outros. O quarto serve, portanto, de abrigo a tudo aquilo que se relaciona com os Guias, Espíritos Ancestrais e Encantados da Casa.

O Quarto de Orixá abriga os assentamentos dos filhos que são feitos no Candomblé, quando estes assim o solicitarem, e os assentamentos dos Orixás da Casa (exceto Ogum, Exu, Iansã Balé – que ficam na parte externa – e, se for uma casa mista, Ossaim, Oxumarê, Tempo ou Iroko, e, se for o caso, deve ser dividido em dois, um para a Linhagem de Iemanjá – Oxum, Oyá, Xangô, Oxóssi, entre outros – e outra para a Linhagem de Nanã – Obaluê, Ewá, Obá etc.). Nesses quartos são dispostas as iguarias que servem de oferenda e alimento para os Orixás e não entra qualquer bebida alcoólica, além de haver uma disposição especial para colocação dos Orixás em seus devidos lugares, preferencialmente em prateleiras (**Figura 1.10**) e, aqueles ficam no chão, nunca diretamente sobre ele, sempre sobre uma pedra ou pilão, representando a elevação dos Orixás sobre aquilo que é material:

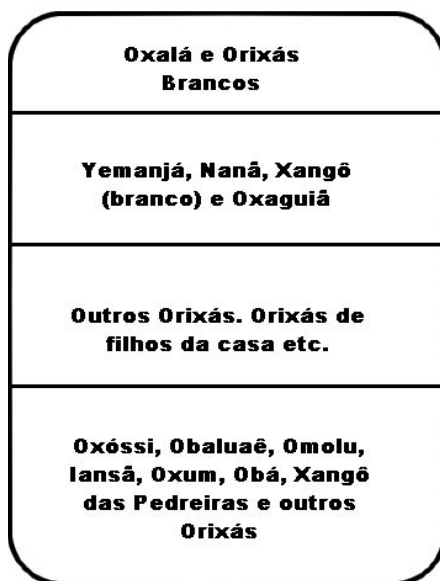


Figura 1.10.:
Prateleiras das oferendas para os Orixás

Nas Casas mais tradicionais de Umbanda, em geral, podemos dizer que esse quarto não existe, isto é, quando a Casa não tem nenhum contato com o Candomblé, em geral existe sim a Jurema, mas a figura dos Orixás é representada no próprio espaço do barracão ou dentro do Roncó de maneira bem distinta. Algumas Casas optam por fazer quartilhões contendo a representação das ervas e elementos naturais regidos pelo Orixá. Outras Casas dispõem ao longo das paredes, obedecendo a uma ordem pré-determinada, prateleiras com a imagem do Orixá ou do Santo com ele sincretizado, acompanhada de uma quartinha (branca ou na cor do Orixá), um vaso com ervas ou flores ofertadas e uma vela de sete dias, que será trocada ao se apagar, mas sempre acendida no dia da semana dedicado ao Orixá⁵.

Em geral, opta-se por dispor na parede de entrada do barracão, próximo à assistência, uma prateleira para Oxóssi. Na parede esquerda, em geral, colocam-se os Orixás da linhagem de Iemanjá (pela ordem, seguindo da assistência ao Pegí: Xangô, Oxum, Iansã, Obá, Omolu, Oxaguiaí (se for o caso, pois há casas que não fazem distinção entre os orixás brancos, mais novos ou mais velhos, tratando todos por Oxalá, sincretizando profundamente a figura de Oxalá com Jesus Cristo). Do lado esquerdo, a linhagem de Nanã, também esposa de Oxalá, assim como Iemanjá, seguida por Oxaumarê e Ewá; às vezes, fica também nesse lado Obaluaê/Omolu, por ser filho de Nanã, mas por ter sido abandonado por esta e criado por Iemanjá, prefere-se mantê-lo junto à linhagem da mãe d'água.

Sobra-nos, dentre esses cômodos mais discretos, falar do Roncó ou Camarinha, o quarto onde ocorrem os rituais mais importantes e reservados, nos quais os oráculos (búzios, tarô e outros) são utilizados pelo dirigente da Casa para seus devidos fins, nos quais os rituais de iniciação, assentamento etc., se dão. Não há muito que falar sobre este quarto, exceto que ele encerra boa parte de tudo aquilo que é feito na Casa. Não raro é que muita pessoas digam que para o médium e seu desenvolvimento o importante é o que se passa na Camarinha, o resto é festa “para inglês ver”.

É um quarto versátil (pois precisa ser rapidamente arrumado para os mais diversos fins), em cujo centro existe um assentamento sob o chão, de

5 Ver mais detalhes no **Capítulo 2 – O papel dos Orixás na Umbanda**.

conteúdo sigiloso, conhecido apenas pela cúpula espiritual e material da Casa, usualmente disposto sob uma estrela de cinco pontas, feita de metal, cuja ponta superior fica em direção oposta à da porta pela qual se entra nele. A estrela, também conhecida como Estrela de Salomão (referência direta ao mito bíblico) simboliza os quatro elementos – terra, água, fogo e ar – e a quintessência de que é feito o espírito, por isso é justamente esta ponta que fica na direção oposta da porta, enquanto as duas pontas inferiores simbolizam a terra e a água, e as intermediárias o fogo e o ar.

Quando da realização de algum ritual mais demorado, a mesa de jogo do dirigente é retirada e colocada no barracão, coberta por um pano branco, mas, em geral, seu lugar é lá dentro, dada a energia com que aquele quarto foi preparado. Alguns dispositivos, porém, não podem faltar afixados no local: pregos para dispor fios ritualísticos (as guias e fios de orixá), suporte para o incensador, suporte para lamparina em forma de ponto de luz branca, que fique 24 horas acesa, para nunca deixar o quarto completamente às escuras.

Saindo desses quartos, o aposento que os precede é a Cozinha. É importante frisar que nessa cozinha não são preparadas comidas do dia-a-dia, exceto quando há filhos que permanecem na Casa por muitos dias, mas, ainda assim, há restrições sobre o que pode, ou não, ser preparado ali são preparadas as comidas da Casa. A cozinha e o poder da comida para a Umbanda são uma herança direta dos cultos ao Orixá, por isso discutiremos esses quesitos em ocasião oportuna⁶.

Por hora, basta sabermos que, além dos artefatos normais que existem na maioria das cozinhas (fogão, pia, geladeira etc.) outros utensílios são necessários: pilões de diversos tamanhos para moagem de grãos; utensílios de ágata como bacias, canecas, pratos, panelas e louça branca – nesse caso, não se recomenda o uso do vidro, e sim da louça branca; panelas de barro e ferro; fogareiro – ou que, ao invés de um fogão convencional, haja um fogão e forno a lenha, pois o certo é que muitos dos alimentos não sejam feitos em fogo a gás, mas a lenha; pratos e alguidás de barro vermelho; potes para ervas, grãos e outros; lugares para colocar velas etc.

Outro ponto importante da cozinha é que é sempre bom ter por perto uma vela acesa sempre que estiver cozinhando, ou uma lampari-

6 Ver mais detalhes no **Capítulo 2 – O papel dos Orixás na Umbanda.**

na. Manter uma vela acesa o tempo todo no lugar é o mais indicado. Algumas Casas optam por manter também alguma imagem ao lado da vela, em geral de algum santo católico como Santa Marta (no mítico católico, a personagem bíblica que recebera Jesus em sua casa em diversas ocasiões, e mais tarde pedira-lhe para ressuscitar seu irmão Lázaro, protetora das cozinheiras), Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora Aparecida (por trazerem fartura e prosperidade com suas aparições).

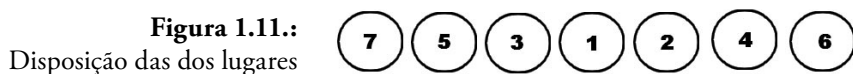
Passando a cozinha, chegamos ao barracão, ponto importante da Casa, pois é onde os médiuns fazem suas evoluções, e quando preparados e incorporados, os atendimentos. Nesse local que realizam-se as danças e também as brincadeiras para o Santo, além das aulas para preparação dos médiuns e demais freqüentadores, ensaios e treinos, festas etc.

Nesse espaço fica o Pegí ou Congá. A maneira de montar o Pegí ou Congá varia de casa para casa, mas em geral é orientada de maneira bastante específica pelo espírito orientador, todavia, há certo padrão a ser seguido: a imagem maior do centro do Pegí ou Congá é aquela que representa Oxalá, isto é, o pai de todos⁷. Muitas Casas optam pela imagem de Cristo Rei, aquele que rege e governa o mundo. Outros optam pela imagem da Trindade ou do Espírito Santo (a Pomba). Não é comum, contudo, a imagem de Jesus Crucificado. À sua volta, em geral, ficam imagens e oferendas das principais entidades da Casa, daquelas que, embora não façam parte da cúpula espiritual, ajudam e ali trabalham. Flores não devem faltar (preferencialmente vivas, isto é, ainda plantadas em pequenos vasos, pois é um altar que celebra a vida, não a morte), tampouco água, deve-se ter um punhal ao menos – sempre aos pés de um caboclo, em especial que não seja de pena – e velas de sete dias para

7 É essencial dizer que nas Casas de Nação, especialmente aquelas que têm vínculos com Nagô e Angola, é estabelecido um paralelo não exatamente entre Cristo Rei e Oxalá, mas entre a imagem católica e os Orixás Fun-Funs, da Criação (como Orunmilá-Ifá, Obatalá, Orinxalá, entre outros, que regem o mundo dos homens, pois há, sim, uma grande diferenciação entre os vários tipos de deuses abarcados pelo que chamamos genericamente de Oxalá ou Orixás Brancos), os mais elevados, todos senhores do branco, estes sincretizados com o Deus Católico, Uno, Onipotente, Criador.

cada uma das imagens ali dispostas, em suas respectivas cores, ou uma única vela de sete dias aos pés da imagem que representa Oxalá, e apenas nos dias mais importantes (festas etc.) e de trabalhos, uma vela comum para cada uma das outras imagens. O único orixá representado no Pegí é Oxalá, pois o vulto divino dele, no centro do altar, maior que todos os outros, simboliza a sua missão de ter usado um corpo material, conforme determinado pelas instâncias superiores, para vir ao mundo. Em geral, um Orixá é um espírito que nunca teve forma material, os que já a tiveram, são conhecidos como eguns ou ancestrais.

Na frente do Pegí, ficam os lugares destinados aos dirigentes da Casa. Em geral são 7 lugares, mas, em Casas pequenas, isso pode ser reduzido para 3 ou 5 lugares. A **Figura 1.11** mostra a disposição:



A posição de número 1 é aquela que confere ao dirigente do terreiro; a de número 2, em geral, ao Pai Pequeno; a de número 3, à Mãe Pequena; a de número 4, ao Ogã Calofé; a de número 5, ao mais velho dos Cambones; a de número 6, à Iabasé; e a de número 7, ao Cambone de Ebó.

Em algumas Casas, com grandes espaços, destina-se também um espaço e certo conjunto de cadeiras a convidados ilustres que possam comparecer para uma festividade ou uma visita. Algumas Casas cedem essas mesmas cadeiras para esses convidados. A única cadeira que nunca deve ser cedida é a do dirigente da Casa, pois isso, além de não ser de bom tom, desautoriza a imagem do dirigente.

Ao lado do espaço para os dirigentes fica a Ala dos Atabaques. É essencial entender que na Umbanda a música tem papel primordial, pois serve à invocação aos Orixás e guias, induzindo os médiuns ao transe que facilita a incorporação, servindo como intermediário entre os homens e os deuses. O trio de tambores (*Run*, o maior; *Rumpi*, o médio; e *Lê*, o menor) são tratados pelos médiuns como verdadeiros deuses. Recebem oferendas e reverências. Diz Bastide (1961, p. 23) a respeito disso:

Não são tambores comuns ou, como se diz, ali, tambores “pagãos”; foram batizados na presença de padrinho e madrinha, foram aspergidos de água

benta trazida da igreja, receberam um nome, e o sírio aceso diante deles consumiu-se até o fim. E, principalmente, comeram “e comem” todos os anos azeite de dendê, mel, água benta e o sangue de uma galinha (não se lhes oferece nunca “animais de quatro patas”) cuja cabeça foi arrancada pelo Babalorixá em cima do corpo do instrumento inclinado (...) Além dos atabaques são utilizados os aguidavi (varetas de madeira ainda verdes), com os quais os atabaques são tocados, e o agogô (sino de metal, algumas vezes simples, outras duplo), que é tocado com uma vareta de metal, este último responsável pela marcação do ritmo.

Outros instrumentos típicos e que podem ser encontrados, especialmente nas Casas de Nação e mistas, são o xequerê, as alfaias, o djembe, o agogô e o ilú. Veja imagens:



Figura 1.12.:
Os Atabaques – Run, Rumpi e Lê



Figura 1.13.:
Agogô e djembe

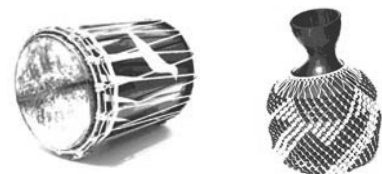


Figura 1.14.:
Djembe e xequerê

O *website* de cultura tradicional africana *Ilú Obá De Min* explica como funcionam cada um desses instrumentos, pois é necessário entender para que serve cada um deles⁸:

- **Agogô**: em iorubá, agogô significa “sino”. Instrumento de percussão introduzido no Brasil por africanos, presente em várias manifestações musicais afro-brasileira, como a capoeira, o maculelê e o candomblé. Recebe outros nomes: gonguê, gan ou gã e xeré.
- **Ilu**: tambor de duas peles presas por cordas. Instrumento musical africano, da nação Ijexá, é usado nos afoxés de Salvador. Em Pernambuco, denomina um pequeno tambor feito de barril, com couro nas duas extremidades. É utilizado no xangô, percutido com duas baquetas de madeira chamadas birros.
- **Djembê**: é um instrumento de percussão africano cuja origem é polêmica. Acredita-se que surgiu na África Ocidental, na região Mandingue, Mali, Senegal, Guiné e Burkina Fasso. Tem o formato de cálice e é construído com uma pele única de animal – hoje, normalmente de cabra. As opções industriais são feitas de fibra e com peles sintéticas, que, apesar de mais duráveis, perdem em sonoridade.
- **Xequeré**: instrumento feito de cabaça, que é um fruto da família do melão e da abóbora, em diferentes formatos e tamanhos. A cabaça é envolta por contas que, ao deslizarem, produzem acentos e ritmos. É bastante empregado em ritmos afro-brasileiros.

Feito isso, a última parte é a assistência, que, em si, é a parte mais simples do que resta da parte interna: a idéia primeira é dispor bancos e cadeiras para que as pessoas que não freqüentam, os acompanhantes dos demais, convidados em dias de festa ou consulentes possam acompanhar as atividades. Essa parte deve estar dividida do barracão por uma amurada ou algo que o valha.

Ao terminar de ler tudo isso, montar uma Casa de Umbanda pode parecer algo quase impossível, dados os inúmeros detalhes. Certamente

⁸ Os textos explicativos foram retirados na íntegra do site especializado, *Ilú Obá De Min*, um dos mais tradicionais sobre cultura tradicional africana e a produção dessa cultura no Brasil: www.iluobademini.com.br.

não é algo que se faça em um dia. Mas é algo recompensador, que, com esforço e persistência, pode ser devidamente realizado.

Riqueza e ostentação não são essenciais, a simplicidade e a humildade são mais aconchegantes que frias paredes de ouro e prata.

CAPÍTULO 2

RAÍZES AFRICANAS

ORIXÁS NA UMBANDA

*Trazidos por navios negreiros
do solo africano para o torrão brasileiro
Os negros escravos,
que entre gemidos e lamentos de dor,
Traziam em seus corações sofridos
seus Orixás de fé,
Hoje tão venerados no Brasil
nos rituais de Umbanda e Candomblé.
Clara Nunes – Tributo aos Orixás*

MONOTEÍSMO OU POLITEÍSMO?

Uma das primeiras perguntas que nos fazemos, ao lidar com a Umbanda, diz respeito ao caráter plural de seu culto: como devemos considerar a Umbanda, uma religião politeísta (culto a vários deuses) ou monoteísta (culto a um deus único e supremo)?

A resposta não vem com muita facilidade. Embora discutamos as questões doutrinárias apenas no volume dois desta coleção, esta introdução faz-se necessária para entender as diferenças dos papéis dos Orixás, quer estejam sendo cultuados na Umbanda, quer no Candomblé ou até mesmo nos cultos que serviram de raízes para ambos.

Quando falamos de Orixás (do iorubá, *ori*, a cabeça, e *xá*, o rei, a divindade, assim, orixá é “o deus que habita a cabeça”), nos referimos aos deuses e deusas trazidos da África pelos tantos numerosos negros que vieram ao Brasil por meio do tráfico negreiro nos períodos de formação do Brasil, em especial, no período colonial.

A palavra vem diretamente dos cultos iorubanos, que já no Brasil deram origem a nações como Nagô, Nagô-Ebá, Xambá, Ketu, Alaketu, entre outros. Dentre os povos bantu, que no Brasil originaram as nações Angola e Congo, essas mesmas entidades são chamadas Nkisis¹. Dentre as diversas nações de Candomblé no Brasil, são cultuados aproximadamente 50 orixás diferentes, sendo os mais comuns e conhecidos cerca de 20.

¹ Ver Apêndice IV – A Pluralidade de Cultos ao Orixá no Brasil.

Na Umbanda, são cultuados poucos desses Orixás: Oxalá (mas sem distinções), Iemanjá, Oxum, Iansã (não Oyá), Nanã Buruku, Xangô, Ogum, Oxóssi, Exu (embora sua figura seja bastante controversa, pois a Umbanda cultua espíritos e guias que falam em nome do orixá, sem o culto à divindade) e Omolu (que por vezes também é visto como um exu, reinante no cemitério, calunga pequena).

Algumas casas mistas ou de nação cultuam também outros orixás como Oxalufã e Oxaguiá (já estabelecendo a diferenciação entre as qualidades de Oxalá), Oxumarê, Ewá, Obaluaê, Ibeji (as crianças gêmeas, que na incorporação da Umbanda correspondem a São Cosme e São Damião), Obá, Oyá, Ossaim, Obatalá, Orunmilá-Ifá, entre outros.

A questão, entretanto, ganha sua complexidade no momento em que, ao lado de tudo isso, temos a Umbanda falando em nome de Jesus Cristo e de um Deus único. Como pode então haver culto a outros deuses?

Herança do catolicismo, presente inclusive no processo de sincretismo dos deuses africanos com os santos cristãos, o monoteísmo adquiriu propriedades únicas sob os véus da Umbanda. Já no catolicismo, cuja base em verdade é judaica, deus é único e superior, mas existem abaixo dele, com cunho todo especial de divindade, os anjos, arcanjos, principados, santos, beatos, entre outros. Toda uma hierarquia, ligando o mais alto patamar da escala divina ao mais reles dos mortais.

Observando a pirâmide a seguir (**Figura 2.1**), percebemos como isso se deu no caso da Umbanda. Ela relaciona Deus (no topo da pirâmide, relacionado com Oxalá e Jesus Cristo, mantendo de forma peculiar a trindade cristã), abaixo dele, os Orixás (divindades provenientes dos cultos africanos que são sincretizadas com santos católicos e regem elementos naturais), em seguida as entidades em ordem de grau evolutivo (Caboclos, Pretos-Velhos, Ciganos, Marinheiros, Boiadeiros, Baianos, Mestres, Exus etc.).

Figura 2.1.:
Hierarquia das divindades
segundo a Umbanda



Especificados esses papéis e colocadas essas interações entre as entidades e orixás, podemos dizer que a Umbanda assume, sim, um caráter politeísta, crendo, contudo, num deus único e superior, criador de tudo que existe. Essa teogonia peculiar organiza-se desde as instâncias superiores – divinas – até as mais próximas dos homens.

O umbandista (excetuando as casas de Nação e as casas mistas, talvez) acredita que Deus, com seu poder, por meio dos Orixás e dos Guias leva aos homens seu Amor, auxiliando na caminhada rumo à elevação espiritual e intelectual.

Assim, referir-se aos Orixás na Umbanda é falar de poderosas energias, forças da natureza que estão presentes em todos os lugares, influenciando as pessoas e mantendo o equilíbrio natural dos elementos. Eles são energias emanadas da divindade criadora e onipresente, subdivisões da unidade perfeita de Deus, tal qual os anjos.

Alguns, influenciados talvez pelo sincretismo, colocam-nos como espíritos que progrediram muito espiritualmente e que não necessitam mais do processo reencarnatório; a estes seria, então, dada a missão de organizar e orientar uma rede de espíritos com menos progresso espiritual do que eles, ajudando-os a progredir. Essa, no entanto, é a função dos guias espirituais, e não raro é que sejam confundidos com os Orixás, especialmente em casos onde a influência kardecista predomina, dados os valores daquela vertente do espiritismo.

Na Umbanda, cada pessoa está ligada a um desses Orixás, cujas características são encontradas em seus nelas, em forma física ou, mais evidente, nas características psicológicas e comportamentais.

A seguir, detalharemos mais cada Orixá cultuado na Umbanda, dispondo dos detalhes mais relevantes de seu culto, paramentos, comidas, oferendas e pontos (cantados e riscados).

Para fins de organização, seguiremos uma ordem comum às Casas de Nação e às Casas Mistas, proveniente do Candomblé: a ordem de Xirê, isto é, da gira de orixá. Assim, começaremos por Exu, seguindo para Ogum, Oxóssi, falaremos brevemente de Ossaim, Naná Buruku, Omulu, Xangô, Iansá, Oxum, Ibejis, Iemanjá e Oxalá.

EXU, REI DA ENCRUZILHADA

Aquele a quem é dado o Direito de comer Primeiro



Figura 2.2.:
Exu

Lendas de Exu

São várias as lendas que concernem a Exu, mas, em especial, algumas contam as características mais cultuadas pelo povo de Umbanda nesse Orixá.

Conta uma dessas lendas que Exu era um andarilho, sem eira nem beira, não era rei, nem possuía qualquer riqueza, não tinha profissão, não conhecia nenhuma arte, não tinha um objetivo pelo que se esforçar. Quando não tinha mais o que fazer, ia até a casa de Oxalá, onde se divertia vendo o pai de todos fabricar os seres humanos. Com o tempo, passou a prestar muita atenção em tudo o que o velho Orixá fazia. Além de ver tudo quanto era feito dos seres humanos, Exu via todos que iam ali levar presentes e oferendas. Com o tempo, passou a ajudar Oxalá, pois viu por dezesseis anos como ele fabricava cada ser humano. Foi quando Oxalá percebeu que perdia muito tempo recebendo ele mesmo

os presentes e as pessoas, no que pediu a Exu que ficasse na Encruzilhada que antecedia sua casa. Exu cumpriu perfeitamente seu papel, de não deixar passar ninguém que não fosse convidado e levar as oferendas para Oxalá, no que Oxalá o recompensou: todos que ali passassem, deveriam dar a Exu também uma oferenda, e assim o seria em toda encruzilhada na qual ele se pusesse. Assim, Exu virou o Rei da Encruzilhada.

Outra lenda sobre Exu reza que este, por ser o mais novo, irmão de Xangô, Ogum, Oxóssi, sempre recebia as homenagens que lhe competiam por último. Por querer mais atenção, ele vivia criando confusão e turbulência, o que fez com que Oxalá, seu pai, decidisse castigá-lo com severidade, aprisionando-o. Seus irmãos mais velhos o aconselharam a fugir e deixar Orun (o céu), no que ele veio para Ayé (a terra). Mas, enquanto Exu estava no exílio, seus irmãos continuavam a receber festas e louvações. Ele não era mais lembrado e ninguém sequer procurava notícias de seu paradeiro. Usando mil disfarces, ele rondava nos dias de festas as portas dos templos de seus irmãos, e ninguém o reconhecia disfarçado, pois Exu tem mil faces quando quer. Ele vingou-se por ter sido esquecido, semeando sobre o reino dos Orixás toda sorte de desgraça, intriga, confusão e desentendimento. Não demorou muito para que as festas religiosas fossem proibidas em função da balbúrdia e dos problemas que traziam. Os sacerdotes, então, foram procurar um babalaô nas portas da cidade. O babalaô saberia o que estava acontecendo porque ele é o sacerdote que comanda e possui o poder de ver nos búzios o destino de cada um. Ele abriu os búzios e disse que Exu falava no jogo e estava furioso por ter sido esquecido por todos, e que por isso exigia dos homens que os primeiros sacrifícios fossem dele e que os cânticos de toda e qualquer cerimônia fossem, primeiro, sempre para ele, pois ele era o mensageiro entre Orun e Ayé, ele vivia entre o mundo dos homens e dos deuses, somente ele sabia o caminho. O babalaô disse que Exu pediu um bode e quatro frangos, mas os demais sacerdotes caçoaram dele, dizendo não haver motivo para se preocupar com um orixá menor como Exu, não dando importância ao que este dizia. Só que quando quiseram se levantar para ir embora, não podiam se mexer, suas pernas estavam imóveis e não podiam se levantar. Era mais uma das artimanhas de Exu. Há quem jure que sua gargalhada pôde, então, ser ouvida ao longe. O babalaô pediu respeito, e recitando cânticos em nome de Exu ajudou cada um a se levantar. O babalaô os aconselhou a

fazer o que ele mesmo fazia, pois Exu é mensageiro, Exu corre o mundo e tanto pode trazer quanto levar: que dessem primeiro de comer para acalmar Exu.

Há outras tantas lendas, mas essas duas falam especificamente sobre aquilo que é característica primeira de Exu: ele é o mensageiro, portanto, deve comer primeiro, para levar as mensagens e oferendas aos outros deuses. Exu rege a encruzilhada, isto é, a junção de todos os caminhos, por que ele é cuidadoso com as ordens do Pai Oxalá.

Exu é caridoso. Há lendas que também o descrevem curando doentes e trazendo riquezas a mendigos e pessoas humildes. Mas nem por isso Exu é menos exigente, pois castiga severamente aqueles que não cumprem com suas obrigações, ou que não lhe dão aquilo que é devido.

Exu na Umbanda: Culto & Regência

Na Umbanda, essa é uma das entidades mais controversas, pois dados o seu caráter de ação material e sua natureza fanfarrona e vingativa, Exu foi tomado em sincretismo, pelo Diabo católico. Essa associação fica explícita em pontos cantados como:

*A porteira do Inferno estremeceu
E o povo todo para ver quem é
É a Rainha Pomba gira
“Seu” Tranca-Rua, Sete Encruza e Lúcifer.*

Todos os nomes acima são relacionados a Exu e sua atuação, exceto o de Lúcifer, o Anjo caído precipitado aos Infernos no Gênesis da Bíblia Católica.

Outro fator que colabora para essa visão são os instrumentos de Exu: o *ogó* (uma espécie de porrete, com forma fálica, com o qual Exu protege as encruzilhadas e com o qual pune aqueles que violam suas normas) e os tridentes (associados com o tridente com o qual o Diabo castiga as almas no inferno, mas que, na verdade, nada mais é que a simbologia dos caminhos de Exu, os milhares de caminhos para onde ele pode ir).

Exu Orixá, na Umbanda, tem um culto muito restrito. As entidades que servem a seus fins, Exus de rua e Pomba giras é que acabam por realizar suas funções. Assim, deixaremos as especificações de pontos riscados e cantados para o capítulo específico sobre isso neste livro, no que

discutiremos os desdobramentos das raízes africanas dentro da Umbanda e o caráter de entidades que se identificam na linha de Exu.

Características Gerais de Exu

Habitat	Rua e encruzilhada.
Sincretismo	Diabo católico.
Vibração	Problemas materiais, emprego, dinheiro, fertilidade e sexualidade.
Assuntos relacionados	Materialidade e dinheiro.
Partes do corpo	Órgãos genitais, aparelho reprodutor, mãos e boca.
Dia da semana	Segundas-feiras.
Fase da Lua	Lua crescente.
Essências	Tabaco e rosa vermelha.
Horários mais favoráveis	Da meia-noite às 3h00 – soluções de problemas materiais.
Cores	Preto e vermelho.
Pedras	Turmalina negra e ônix.
Metal	Ferro.
Flores	Rosas vermelho-escuras, dalias vermelho-escuras e gérberas.

Banhos de descarrego	Arruda, colônia e folha-da-fortuna
Guias	<p>Para os filhos de Exu: 148 contas (alternando 1 vermelha e 1 preta, fechando o fio com um “olho de exu”, também conhecido como “tento”).</p> <p>Para os filhos de outro Orixá: 106 contas (formando a seqüência: 14 contas, alternando vermelho e preto, 7 pretas e 7 vermelhas, seguido por uma conta branca média – repete 7 vezes; fecha-se o fio com uma firma branca).</p>

Tabela 2.1.

Comidas & Bebidas de Exu

“Exu é servido primeiro, pois ele é o mensageiro, sem o qual nada se faz nos terreiros”.

Exu bebe e bebe muito. Bebe gin e cachaça, batidinha de coco e pinga, bebe mel com aguardente. Mas Exu também come muito, e seu prato favorito é a farofa (feita com mel, água, azeite de dendê ou aguardente), mas Exu também come o bom xinxim de bofe. Já a pombagira prefere a farofa doce e seus corações na pimenta.

Pontos Cantados de Exu

*Exu fez uma casa
sem porta e sem janela
Exu fez uma casa
sem porta e sem janela*

*Ainda não achou
um morador pra morar nela.*

*

*Deu meia-noite
A lua se escondeu
Lá na encruzilhada, dando a sua gargalhada
Tranca-rua apareceu
É laroiê, é laroiê, é laroiê,
É mojubá, é mojubá, é mojubá,
Ele é odara e quem tem fê nesse exu
é so pedir que ele dá.*

*

*Foi na Beirada do Caminho
Esse congá tem segurança,
À meia-noite o sino toca,
À meia-noite o galo canta.*

*Foi na Beirada do Caminho
Esse congá tem segurança,
À meia-noite o sino toca,
À meia-noite o galo canta.*

*Foi na Beirada do Caminho
Esse congá tem segurança,
À meia-noite o sino toca,
À meia-noite o galo canta.*

Laroyê Exu!

*

*Exu é de querer, querer
pra trabalhar é que eu
quero ver
Exu é do romper
de Aurora
Todos Exu
eu quero ver agora.*

OGUM, SENHOR DO FERRO

Guerreiro da Batalha Feroz



Figura 2.3.:
Ogum

Lendas de Ogum

Ogum foi o Orixá que deu aos homens o segredo do ferro, da forja e da agricultura. Mas por seu temperamento explosivo, sempre esteve envolvido em guerras e batalhas, por vezes até com quem mais amava, nem sempre respeitando as mulheres como devia, e por muitos de seus atos impensados foi obrigado a vagar pelas estradas sem fim.

Uma de suas lendas diz que nas terras de Oxalá, em Ifé, os Orixás e seres humanos viviam e trabalhavam em igualdade, todos caçavam e plantavam, mas seus instrumentos eram frágeis, feitos de madeira e pedra e, por isso, o trabalho era muito árduo e demorado. Conforme o número de pessoas ia crescendo, a comida ia faltando e, sendo necessário plantar uma área maior, aquelas ferramentas não ajudavam muito. Quando tentavam limpar um terreno, dentro em pouco, os Orixás e os homens fracassavam e suas ferramentas quebravam. Até que veio Ogum e, numa grande e difícil empreitada, usando suas ferramentas de ferro, segredo dado a ele e somente a ele por Oxalá, ele foi o único a limpar um grande terreno para o plantio. Esse material dava a Ogum uma grande vantagem sobre os demais, na agricultura, na caça e até mesmo na guerra, e esse

segredo Ogum não contava a ninguém. Até que os Orixás ofereceram a Ogum o reinado sobre os deles pelo segredo do ferro e ele aceitou. Mas embora Ogum tivesse se tornado rei, ele era antes de tudo um caçador, um guerreiro. Em uma de suas viagens para caçar, quando voltou, viu que os Orixás tinham passado a desprezá-lo, que ele fora destituído de seu reinado. Embora os Orixás tenham pago com ingratidão o segredo que Ogum lhes dera, os homens sempre lembram de Ogum e a ele oferecem sacrifícios e honras e deixam sob seus cuidados a ferramentaria de seus templos, para que Ogum cuide dela.

Outras lendas, ainda, contam que por causa de suas querelas amorosas, Ogum cometeu inúmeros pecados, investindo em conquista até contra sua própria mãe. Ogum possuía um temperamento viril e não aceitava não como resposta. Teve como amantes Oxum, Iansã e Obá, mas todas perdeu para o irmão Xangô, que as desposou por fim, pois Ogum as maltratava e as violentava. Seus pecados e o desrespeito para com as mulheres e o matrimônio foram o motivo pelo qual Oxalá obrigou-o a viver para sempre nas estradas, ajudando aqueles que se perdem e procuram por um caminho, pois ele jamais encontraria o seu.

Características Gerais de Ogum

Habitat	Estradas e ferramentarias, locais de agricultura.
Sincretismo	São Jorge (geral) e São Miguel Arcanjo.
Vibração	Afirmção da virilidade, caminhos, estradas, viagens e jornadas.
Assuntos relacionados	Produtividade.
Partes do corpo	Coração, pernas e braços.
Dia da semana	Terças-feiras.
Fase da Lua	Lua cheia.
Essências	Violeta e açafraão.

Horários mais favoráveis	Das 9h00 às 11h00 – Ass. comerciais e jurídicos. Das 17h00 às 19h00 – Demandas e produtividade.
Cores	Vermelho e branco, azul marinho e branco, azul marinho e vermelho.
Pedras	Rubi, granada e sárdio.
Metais	Aço, ferro e manganês.
Flores	Cravos vermelhos e brancos.
Banhos de descarrego	Pode ser feito com a folha da Espada-de-Ogum cortada em sete pedaços, sempre do pescoço para baixo.
Guias	108 contas, leitosas ou de cristal, sempre seguindo em duas cores (vermelho e branco na Umbanda de Tradição, azul marinho e branco em alguns casos, vermelho e azul marinho nas casas de Nação e, para alguns casos, especialmente Ogum-rompe-mato, verde escuro e branco), em fecho com firma branca.

Tabela 2.2.

Comidas & Bebidas de Ogum

Ogum come bem e farta-se, especialmente dos grãos que vêm da agricultura que, com seus ferros, ele ensinou ao homem.

Ogum gosta de beber cerveja, gosta de bebida fermentada, mas às vezes uma boa cachaça também faz seu porte, especialmente com sua tão deliciosa feijoada. Mas Ogum come Inhame, assado e bem feito, espetado na madeira, coberto com mel e é o Orixá do Vatapá, mas é muito difícil fazer um que realmente fique do seu agrado, pois Ogum é exigente em seu paladar.

Pontos Cantados de Ogum

Ogum
Ogum em seu cavalo corre,
E a sua espada reluz
Ogum, Ogum Megê,
Sua bandeira cobre os filhos de Jesus.

*

Ogum não devia beber,
Ogum não devia fumar,
A fumaça é a nuvem que passa
E a cerveja é a espuma do mar.

*

Eu tenho a minha espada prá me defender,
Eu tenho Ogum em minha companhia
Ogum é meu Pai,
Ogum é meu guia
Ogum é meu Pai,
Seu sete ondas, filho da Virgem Maria.

*

Beira-mar
Auê, Beira-mar
Ogum já jurou bandeira
Nos campos do Humaitá
Ogum já venceu demanda
Vamos todos saravar
Beira-mar
Eu tava na minha banda
Eu tava no meu congá

*Eu tava lá na calunga
Prá que me mandou chamar
Beira-mar
Auê, Beira-mar
A sua espada, meu pai
Eu quero ver
A sua lança, meu pai
Ogum Megê.*

*

*Seu Ogum Beira-mar, O que trouxe do mar?
(Seu Ogum Beira-mar, os teus filhos te chamam)
Seu Ogum Beira-mar, o que trouxe do mar?
Quando ele vem... beirando a areia
Vem trazendo nos braços
O rosário sagrado de Mamãe Sereia.*

OXÓSSI, CAÇADOR O Rei da Mata e Senhor dos Animais



Figura 2.4.:
Oxóssi

Lendas de Oxóssi

Oxóssi, na Umbanda, é um orixá bastante peculiar: por vezes, ele é diretamente associado ao caçador, outras, defensor das matas, senhor da fartura, das ervas que curam e da prosperidade. É esse o Orixá responsável por ensinar aos homens o valor da caça com responsabilidade, aquele que mostra que caçar sem moderação pode trazer graves conseqüências, não só à natureza, mas ao próprio homem.

Oxóssi aprendeu a arte da caça de seu irmão Ogum que, quando lhe ensinou a peleja, passou a se dedicar unicamente a suas ferramentas, à guerra e suas andanças pelas estradas. Oxóssi é caçador. Ogum é guerreiro.

Mas embora o irmão tenha lhe ensinado a caçar, foi Deus quem o fez Rei dos Caçadores, título, no entanto, que causa profunda tristeza a Oxóssi, pois eis que Oxalá viera a sua morada, depois de uma longa viagem, pedindo-lhe que caçasse uma codorna que deveria ser dada a ele.

Oxóssi o fez e, na manhã seguinte, entregaria a codorna a Oxalá. Deixou-a dentro de sua casa, presa no embornal. Quando Oxalá veio receber sua oferenda, Oxóssi o levou até o lugar, mas quando viu, a codorna havia sido roubada. Tamanho foi seu desgosto que maldisse a vida e jurou que pegaria o ladrão. Perguntou a sua mãe se ela sabia de algo e ela disse que não. Perguntou a todos os criados da casa e eles lhe redargüiram que não sabiam de coisa alguma.

Pedi que Oxalá lhe desse mais um dia, e este assim o fez. No dia seguinte, lá estava ele com a codorna. Oxalá ficou muito satisfeito e deu a ele um arco precioso, pelo qual ficou honrado seu posto de Rei dos Caçadores. Nesse momento, cheio de felicidade, Oxóssi lançou ao alto uma flecha, dizendo que aquela ponteira se cravaria no coração de quem lhe roubara a codorna, a primeira que estava no embornal, por ter tentado impedir sua coroação. Imediatamente, Oxóssi ouviu um grito surdo de sua mãe, e quando chegou onde ela estava, ele a viu, caída no chão, com a flecha encravada no peito. Ela roubara sua codorna e a comera, por gula, como a maioria dos homens faz. Isso lhe custou a vida e a felicidade de Oxóssi em ser o Rei da Caça.

Foi quando Oxóssi se precipitou às matas e lá passou a viver.

No entanto, pouco tempo depois, Oxalá o chamou de volta, pois havia uma grande fome que assolava os homens. Ele precisava fazer seu papel: caçar para amenizar a fome do homem.

Sua peleja começou, e ele auxiliou todos os caçadores, por vezes, ele mesmo caçava. No entanto, foi pegando gosto exagerado pela caça e, embora a fome tivesse sido banida, ele continuava matando e matando.

Oxalá interferiu, pedindo que parasse. Oxóssi não parou. Chegou a inclusive matar um pombo branco, animal de Oxalá, que nem sequer podia alimentar uma criança, tão pequeno que era. Oxalá ficou triste e se afastou de Oxóssi. Já não reconhecia o deus caçador: ele vivia sedento por sangue, sem se importar com as conseqüências de sua caça. Ele nem conseguia comer mais aquilo que caçava e a comida apodrecia. Os animais começaram a escassear e nem por isso Oxóssi parava. Isso lhe dava ainda mais gosto.

Oxalá tentou interceder novamente, mas Oxóssi o ignorou novamente.

Uma noite, Oxóssi encontrou um cervo e nele atirou muitas flechas, mas parecia que elas não tinham lhe causado nenhum dano. Ele se aproximou mais e, dessa vez, o alvejou com sua lança, no que, nesse momento, o cervo se iluminou. Ao lado do veado, ele viu Oxalá e, quando olhou novamente, o que viu foi seu próprio corpo alvejado pelas flechas.

Oxalá lhe mostrou que, matando indiscriminadamente, ele apenas acabaria matando a si mesmo. A visão fora tão aterradora que Oxóssi nunca mais caçou.

Características Gerais de Oxóssi

Habitat	Matas, pradarias e lugares onde se possa caçar.
Sincretismo	São Sebastião (geral) e São Jorge (Bahia).
Vibração	Problemas com fartura, caça e criação de animais. Caça, buscas e conscientização sobre a natureza.
Assuntos relacionados	Prosperidade.
Partes do corpo	Braços e Pulmões.
Dia da semana	Quintas-feiras.
Fase da Lua	Lua nova.

Essências	Essências de folhas em geral.
Horários mais favoráveis	Cair da noite, das 18h00 às 20h00.
Cores	Azul claro e branco; Verde claro e branco.
Pedras	Turmalina e jaspé.
Metais	Ferro e magnésio.
Flores	Margaridas e gérberas.
Banhos de descarrego	Colônia.
Guias	108 contas, leitosas ou de cristal, sempre seguindo em duas cores (verde claro e branco na Umbanda de Tradição, azul claro e branco nas casas de Nação), em fecho com firma branca.

Tabela 2.3.

Comidas & Bebidas de Oxóssi

“Oxóssi é Rei, é aquele que é justo. Dá caça farta, mas também protege os animais dos caçadores quando estão com seus filhotes, porque se os filhotes não crescerem, não haverá animais para caçar.”

Oxóssi come muito milho e pratos feitos principalmente de coco e canjiquinha. Ele gosta de carne-de-sol e cuscuz, e suas bebidas são o aluá e a gengibirra, tudo isso com muitas frutas saborosas.

Juntar várias qualidades de frutas numa grande cesta e cobri-las com um pano branco é uma boa oferenda também. Chamam-na Quitanda de Oxóssi.

Pontos Cantados de Oxóssi

*Quem mora na mata é Oxóssi,
Oxóssi é caçador,
Oxóssi é caçador.
Eu vi meu pai assobiar,*

*Eu mandei chamar.
Vem da Aruanda ê,
Vem da Aruanda a,
Pai Pena Branca,
Vem da Aruanda,
Vem na Umbanda.*

*

*Eu vi chover, eu vi relampear
Mas mesmo assim o céu estava azul
Tambor e pamba, folhas de jurema
Oxóssi reina de norte a sul.*

*

*Oxóssi êeee
Oxóssi aaaaa
Oxóssi é marambolê, marambolá
Quem é aquele que vem lá de Aruanda
Montado em seu cavalo
Com seu chapéu de banda
Ele é Oxóssi de Aruanda êêêêê
Ele é Oxóssi de Aruanda ááááá.*

*Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia
seu sangue escorria
mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei.*

*Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia*

*seu sangue escorria
mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei.*

*Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia
seu sangue escorria
mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei.*

*

*O galo cantou
Está chegando a hora
Oxalá está lhe chamando
Caçador já vai embora.
O galo de campina assobiou!*

OSSAIM, O SENHOR DAS FOLHAS O Mestre Curandeiro de uma Perna Só



Figura 2.5.:
Ossaim

Lendas de Ossaim

Muitas lendas contam a história de Ossaim, mas em todas uma coisa é certa: por muito tempo Ossaim viveu nas matas e aprendeu lá o segredo das folhas. Embora não seja um Orixá típico da Umbanda, as folhas de que tanto nos valem pertencem a ele e dele provêm seus dons de cura. Ele passou alguns de seus dons a Oxóssi, quando este foi viver nas matas com ele, mas muitos segredos ainda estão contidos apenas dentro de suas cabacinhas, os *atós*.

Contam as lendas de Ossaim que, por um motivo ou outro, Ossaim sempre se refugiou nas matas e conhecia todas as folhas e seus segredos, os encantamentos, trabalhos e usos apropriados. Ele empregava seu conhecimento na cura das doenças e de outros males, no que preparava unguentos, banhos, bebidas e xaropes. A fama antecipava o famoso feiticeiro. Por onde passasse todos sabiam que era um grande curandeiro e salvava a vida das pessoas. Mas por isso sempre cobrava.

Certa vez, salvou a vida de um rei, que quis lhe ofertar honras, títulos e riquezas. Ele aceitou apenas aquilo que lhe era de direito. Outra vez, quando sua mãe caíra doente, ele também cobrou seu preço, para espanto de seus irmãos. Sua mãe foi salva, mas ele foi renegado pelos irmãos.

O que nem todos sabem é que o dinheiro faz parte da magia das folhas. Paga-se o preço por tirar-lhes a vida e o poder. Antes que seja com dinheiro que é um bem puramente material. Esses preceitos, nem Ossaim pode mudar.

Comidas & Bebidas de Ossaim

Ossaim é o Senhor das Folhas, e sem as folhas nada se faz. Elas encerram a essência da vida. Ossaim é meticoloso e orgulhoso, suas comidas são feitas com muito esmero com feijão preto, farinhas, verduras e frutas.

Ao entrar na mata é necessário saudar Ossaim. Assim, é de bom tom deixar na primeira árvore um coco com água, com a tampinha retirada, decorado com fitas e palha da costa, logo na primeira árvore que houver, e pedir licença para entrar.

NANÃ BURUKU, SENHORA DO LAGO E DA LAMA Aquele que dá a Oxalá o Barro que molda o Homem



Figura 2.6.:
Naná Buruku

Lendas de Nanã Buruku

Naná é a mais velha das mães d'água, deusa cultuada pelos Jejes, primeira esposa de Oxalá, aquela que lhe deu seus filhos primeiros, Ossaim, Omolu, Oxumarê, Iansã e Ewá. Era uma grande rainha e matriarca, poderosa e conhecedora de muitas magias. Nanã Buruku é a mãe ancestral que embala os espíritos no sono da morte, dom que remeteu à filha, Iansã.

Mas Nanã também é vida e conta certa lenda que quando Oxalá moldou o ser humano, ele tentou fazê-lo de várias formas: de energia, como ele próprio, mas não deu certo, pois o homem não tinha energia suficiente para mantê-lo como tal. Tentou fazer de pau e pedra, mas, em ambos, o homem tornou-se duro e frio e imóvel. Tentou fazer de fogo, mas ele se consumiu. Foi então que Nanã Buruku veio em seu socorro: do fundo do lago calmo e cheio de lodo onde ela morava, ela tirou uma farta porção de lama fértil e deu a Oxalá. Com essa lama cheia de vida, ele criou o homem. Por isso, o homem a ela voltará no final de seu tempo. Nanã deu ao homem o começo, a lama que o formou, mas, no final, quer de volta o que é seu.

Ainda, outro caso diz respeito à maneira de cultura Naná Buruku: ela tinha pesada e ferrenha rivalidade com Ogum, o ferreiro das guerras, que era possuidor de tudo que era metal, o homem dos instrumentos de ferro e aço. Ele tinha muito poder entre os Orixás, pois só ele sabia o segredo dos metais. Sem licença de Ogum não havia sacrifício, pois ele era o grande Oluobé, o Senhor da Faca. Mas Naná, orgulhosa e mais velha, disse que não precisava de Ogum para coisa alguma e, este, em seu orgulho ferido, provocou, dizendo que sem faca para matar os animais, ela não tinha como fazer coisa alguma. Naná, então, decidiu que, para todos que a cultuassem e para aqueles que fossem seus filhos, não usaria, de forma alguma, objetos de metal: usar-se-ia o vidro e o barro afiado, e que os sacrifícios e rituais fossem feitos com esses materiais, retirados de seus próprios elementos, sem a faca, sem pedir licença a Ogum.

Características Gerais de Naná Buruku

Habitat	Lagoas e cemitérios.
Sincretismo	Sant'Ana.
Vibração	Morte e desencarne.
Assuntos relacionados	Saúde.
Atuação	Batalhas e demandas.
Partes do corpo	Articulações, intestinos e hemorróidas.
Dias da semana	Segundas-feiras e sábados (Dia das Iabás, Orixás Mulheres).
Fase da Lua	Lua minguante.
Essências	Limão, narciso e flor-da-noite.

Horários mais favoráveis	Das 2h00 às 4h00 – solução de problemas de saúde. Das 19h00 às 21h00 – cirurgias em geral.
Cores	Preto e roxo.
Pedras	Ametista e feldspato.
Metais	Ouro branco e níquel.
Flores	Rosas vermelho-escuras, dalias vermelho-escuras.
Banhos de descarrego	Cipreste verde e folhas de beringela.
Guias	Para os filhos de Nanã: 128 contas (alternando 1 roxa e 1 preta). Para os filhos de outro Orixá: 120 contas (Alternando 3 roxas e 3 pretas), fechando com uma guia branca.

Tabela 2.4.

Comidas & Bebidas de Nanã Buruku

“Naná bebe água pura do lago com seu Sarapatel.”

Naná é muito exigente e agradá-la é difícil, mas quando ela se depara com um bom sarapatel, um efó bem feito ou um doce de batata roxa, Nanã fica feliz.

Pontos Cantados de Nanã

*Atraca, atraca
Que aí vem Nanã, ê, á
Atraca, Atraca
Que aí vem Nanã, ê, á
É Nanã, é Oxum
É quem vem saravá ê, á*

*É Nanã, é Oxum, é Mamãe Iemanjá
Ê, á*

*Treca, treca
Que eu vi Nanã
É de bambuê, auê, auê
Treca, treca
Que eu vi Nanã
Auê, auê
Treca, treca
Que eu vi Nanã.*

*

*Eu vi Nanã Buruku
Pergunta a sua Caiana
Que eu vi Nanã
Eu vi Nanã Buruku.*

**OMOLU, O SENHOR DAS DOENÇAS E PESTES
Aquele que tem o Poder sobre a Moléstia e a Cura**



Figura 2.7.:
Omolu

Lendas de Omolu

Omolu é temido e respeitado por todos, pois ele tem um poder grandioso em suas mãos e é genioso, por vezes mal-humorado e cheio de quizilas.

Suas histórias têm muitas versões, mas na maioria delas fica uma lição: ao ter sua fúria despertada, quer pelo desrespeito, quer pelo descaso ou por oferendas malfeitas, Omolu não possui qualquer misericórdia. Ele deita sobre quem o tiver despertado, não importa se uma única pessoa, ou se uma cidade inteira, não importa se um adulto forte ou uma criança frágil, sobre qualquer um que o desrespeitar, recai sua raiva. E isso significa que quem quer que a sinta vai conhecer a pestilência e a doença.

Mas ele também é aquele que detém o poder de curar, quando a causa é justa. Ele carrega em seus *atós* (cabacinhas) os segredos das doenças e suas curas. Ele já desposou Iansã, que não ligou para sua pele coberta pelas cicatrizes da varíola e por ele, Oxum se enamorou, cuidando-o.

Uma coisa é certa, contudo: apesar de ser filho de Nanã Buruku, ele não se dá bem com ela, pois quando nasceu, coberto de doenças e chagas, ela achou que este fosse morrer e o abandonou na praia, na areia, para morrer. Iemanjá o encontrou e, compadecida, o criou. Fez dele um jovem forte, usou a água do mar para curar suas feridas e lhe deu de presente as pérolas do mar. Nanã, vendo que o filho sobrevivera e crescera forte, um dia o procurou dizendo ser sua mãe e contando-lhe o que se passou. Ele ouviu toda a triste história atentamente, mas não se compadeceu, pois ela o abandonara para morrer. Assim, ele jurou nunca reconhecê-la: para Omolu só existe uma mãe que é sua, e ela é Iemanjá.

Outra história interessante é que, certa vez, vendo os Orixás dançarem, Omolu sentiu-se compelido a dançar também, mas sem coragem por estar com o corpo coberto de feridas. Ninguém chegaria perto dele. Ogum tentou ajudá-lo e lhe fez uma roupa de palha, que ocultava de sua cabeça até seus pés. Ele ficou completamente coberto, da cabeça aos pés. Mas nem assim os outros Orixás o respeitavam e ninguém dançava com ele. Até que Iansã aproximou-se. Com seus ventos, ela levantou sua roupa de palha das costas e o fez dançar com ela. O vento de Iansã fez suas feridas saírem de seu corpo em forma de pipoca, a que todos chamaram *Doburu*. Omolu e Iansã tornaram-se grandes companheiros e reinaram, a partir de então, sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder sobre os mortos.

Omolu na Umbanda: Culto & Regência

Na Umbanda, o culto a Omolu divide-se, pois há quem o cultue como Orixá e há quem o cultue como Exu, reinante nos cemitérios, dada sua intrínseca relação com a morte e a doença. É certo que o primeiro tipo de culto é mais típico das casas de Nação, e o segundo, das casas de Umbanda Tradicional.

Características Gerais de Omolu

Habitat	Calunga pequena (cemitério).
Sincretismo	São Lázaro.
Vibração	Desobsessão e desencarne.
Assuntos relacionados	Saúde e cirurgias.
Partes do corpo	Circulação e rins.
Dia da semana	Segundas-feiras.
Fase da Lua	Lua minguante.
Cores	Amarelo e preto.
Pedras	Ônix e turmalina negra.
Metais	Chumbo e mercúrio.
Flores	Gerânio branco, cravo e goivo amarelo, acompanhados de cedrinho verde.
Banhos de descarrego	Alecrim-do-campo e água de arroz.
Guias	108 contas, nas quais se alternam contas amarelas e preto e fecha-se com uma firma branca.

Tabela 2.5.

Comidas & Bebidas de Omolu

“Omolu é o senhor do doburu.”

Omolu é muito exigente com sua alimentação, por isso, fazer alguma comida que o desagrade é um profundo desrespeito.

Pontos Cantados de Omolu

*O velho Omolu vem caminhando devagar
O Velho Omolu vem caminhando devagar
Apoiado em seu cajado ele vem nos ajudar
Apoiado em seu cajado ele vem nos ajudar
Omolu é... Dono da terra Atotô Obaluaê
Omolu é... Dono da Terra Atotô Obaluaê.*

*

*Que orixá é esse todo coberto de palhas
Que orixá é esse todo coberto de palhas
ele é rei do sol, ele é rei da lua...
ele é seu Omolu meu senhor,
o rei da magia
seu Omolu, eu sou filho de fé
seu Omolu, eu sou filho de fé
eu vou levar flores brancas senhor
pra receber seu axé.*

*

*Mas como é belo esse jardim
Com lindas flores enfeitadas em buquês
são ofertadas de todo coração...
ao mestre Obaluaê
as flores de meu velho atotô meu pai
são lindas e cheirosas atotô meu pai*

sem saber o que fazer recorreu a Oxalá. Cada vez que um dos seus era capturado, torturavam e matavam, devolvendo o corpo em pedaços para o Rei. Xangô estava em fúria e seus homens com medo. Oxalá lhe disse que, em certo lugar, perto de onde as batalhas aconteciam, havia um pântano, de onde brotava uma pedreira. Oxalá lhe disse que ali ele deveria usar seus *oxês*, seus machados de duas lâminas, contra seus inimigos. Xangô fez exatamente o que Oxalá mandou, e o que era uma grande derrota até então, tornou-se vitória dentro em pouco: os *oxês* batiam nas pedras e acendiam no ar línguas de fogo erguendo-se do terreno pantanoso. Muitos soldados inimigos morreram, mas ao fim o exército de Xangô tinha vencido a demanda e ganhado a guerra. Os chefes inimigos que ordenavam as mortes dos soldados de Xangô foram dizimados por um raio que Xangô disparou no auge de sua fúria, mas os soldados foram poupados. Foi isso que fez o senso de justiça de Xangô ser admirado por todos. É por isso que os homens sempre recorrem a Xangô para administrar e julgar suas demandas e as causas relacionadas à justiça.

Foi Xangô, senhor do fogo quem deu ao homem esse segredo. Sem o fogo não se cozinha e sem o fogo não se faz uma forja ou o que quer que seja. Não que Xangô tenha criado o fogo, mas ele próprio é fogo intenso, e por isso o comanda.

Características Gerais de Xangô

Habitat	Pedreiras, grutas de pedras, redutos da natureza contendo rochas e fogo.
Sincretismo	São Jerônimo.
Vibração	Justiça e benefícios diversos.
Assuntos relacionados	Questões profissionais e legais.
Partes do corpo	Fígado e vesícula.
Dia da semana	Quartas-feiras.
Fase da Lua	Cheia.

Essências	Sândalo.
Horários favoráveis	12h00 a 14h00, para questões de justiça.
Cores	Vermelho e branco.
Pedras	Jaspe, topázio marrom e cornalina.
Metais	Estanho e molibdênio.
Flores	Saudade, violeta branca e cravos vermelhos.
Banhos de descarrego	Saião, levante e quebra-pedra.
Guias	108 contas (marrom e branco ou vermelho e branco), fechados com uma firma marrom.

Tabela 2.6.

Comidas & Bebidas de Xangô

“Kaô, Xangô, que só se satisfaz com seu bom amalá.”

Xangô bebe cerveja preta, pois essa é sua bebida favorita, e embora goste muito de seu amalá, na verdade, a maioria dos pratos feitos apenas com quiabo o satisfazem.

Pontos Cantados de Xangô

*Pedra rolou Xangô
Lá na pedreira
Segura a pedra meu Pai
Na cachoeira
Tenho o meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Firma seu ponto meu Pai
Pai de cabeça chegou.*

*

*Xangô, ele rei da pedreira
Rei da pedreira ele é o rei de Umbanda
Xangô ele é o nosso Pai
E filhos de Xangô
Bambeia mas não cai.*

*

*Eram seis horas
Quando o sino tocou
Na Marambaia
Cidade da Jurema
Eram dez horas
Quando o galo cantou
Com licença de Zambi
Saravá Pai Xangô.*

*

*Ô Gino olha a sua banda
Ô Gino olha o seu gongá
Aonde o rouxinol cantava
Na pedra onde Xangô morava
Ele Gino da cobra coral
Ele Gino da cobra coral
Ele Gino da cobra coral
Kaô!*

*

*Pedra rolou pra Xangô
Lá nas pedreiras
Afirma o ponto meu pai
Na cachoeira
Pedra rolou pra Xangô
Lá nas pedreiras
Afirma o ponto meu pai*

*Na cachoeira
Tenho meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Afirma o ponto meu pai
Pai de cabeça é Xangô
Tenho meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Afirma o ponto meu pai
Pai de cabeça chegou.*

IANSÃ, SENHORA DOS ESPÍRITOS **Aquela que leva os Homens ao Mundo dos Mortos**



Figura 2.9.:
Iansã

Lendas de Iansã

Iansã é poderosa. Filha de Nanã, ela carrega o dom da mãe de lidar com *eguns* e o livre passe para o mundo dos espíritos. Mas ela também é vento e tempestade.

Conta uma lenda que Iansã tinha muitas jóias, adornos e pedras preciosas, que usava com muito orgulho. Uma ocasião resolveu sair de casa trajando todas elas, mas foi advertida por seu pai Oxalá de que era perigoso fazê-lo, sair com tantas jóias assim e ele a impediu. Esbravejando,

ela entregou todas as suas jóias a Oxum, e saiu rápido, de forma que levou tudo em seu caminho, mas ninguém podia vê-la. Ela era agora o vento bravo.

Quando esse grande vento chegou a uma determinada cidade, Iansã viu-se no meio de uma grande guerra, que Ogum comandava fazendo mais e mais armas, só que lentamente, porque o fogo não rendia mais que aquilo. Iansã tinha se enamorado de Ogum e resolveu ajudar Ogum a apressar a produção. Com seu vento ela avivou as chamas e assim o fogo mais intenso derretia mais rápido o ferro.

Mas logo Iansã seguiu seu caminho, deixando Ogum sozinho. Ele nunca a esqueceu, mesmo assim, pois mesmo à distância, Iansã ainda soprava seu vento na direção da forja de Ogum, e tudo que havia pelo caminho, era tocado por ela. Por vezes, seu sopro era tão forte que o povo chamava-o de Tempestade.

Iansã é a mãe de Egungun, o espírito humano ancestral que se faz deus. Dele é o Mundo dos Mortos. E ela é a Rainha que leva os homens para lá. Seu poder é sobre os espíritos, e ela dança com alegria entre eles, agitando no ar seu *iriquerê*, o espanta-mosca com o qual os guia ao outro mundo.

Características Gerais de Iansã

Habitat	Bambuzal.
Sincretismo	Santa Bárbara ou Santa Catarina de Alexandria.
Vibração	Resoluções de problemas e questões espirituais.
Assuntos relacionados	Problemas sentimentais, intempéries e tempestades que destroem colheitas e tudo o mais.
Partes do corpo	Fígado e sangue.
Dias da semana	Quartas-feiras e sábados.
Fase da Lua	Lua nova.

Essências	Benjoim e pau-de-Aloés.
Horários favoráveis	Das 9h00 às 11h00 – perspicácia e inteligência. Das 21h00 às 23h00 – obter energia sexual.
Cores	Coral e branco.
Pedras	Coral vermelho e quartzo rosa.
Metal	Cobre.
Flores	Rosas vermelhas, dalias e damas-da-noite.
Banhos de descarrego	Erva de Iansá, folhas de bambu em água fervente.
Guias	124 contas (alternando 1 coral e 1 branca), fechando com firma coral.

Tabela 2.7.

Comidas & Bebidas de Iansá

“O acarajé de Iansá é delicioso, cheio de camarões e segredos.”

Comida de Iansá é comida apimentada, forte. Bebida é Martini, cerveja, ou cachaça-doce.

Pontos Cantados de Iansá

*Eram duas ventarolas
Duas ventarolas
Que ventavam o mar
Uma era Iansá
Arerê*

*A outra era Iemanjá
E eparrê.*

*

*Iansã tem um leque de penas
Pra abanar em dia de calor
Iansã tem um leque de penas
Pra abanar em dia de calor
Iansã mora nas pedreiras
Eu quero ver meu pai Xangô
Iansã mora nas pedreiras
Eu quero ver meu pai Xangô.*

*

*Saravá Iansã
Dos cabelos louros
Seu luar tem prata
Sua coroa tem ouro
Ê, ê, ê, ê
Ê, ê, ê, á
Saravá Iansã
Rainha do Jacutá.*

*

*Oh minha Santa Bárbara
É hora
Filhos de Umbanda, Mamãe
Sempre aqui choram.*

*

*Oh! Nanã, Nanã Boroquê
Iansã moça rica
Vem nos socorrer.*

OXUM, SENHORA DO OURO Aquele que governa o Amor e vive nos Rios



Figura 2.10.:
Oxum

Lendas de Oxum

Oxum é filha de Oxalá e Iemanjá. Oxum foi criada pelo pai, que satisfaz por sempre todos os seus caprichos. Assim, cresceu cheia de vontades e vaidades.

Mas Oxum sempre foi moça faceira. Certa vez, quando Ogum não quis mais permanecer junto à forja de seus metais, Oxum usou de todo o seu charme para ir buscá-lo na floresta. Para ele dançou e dançou. Conta a lenda que ele queria apenas voltar a ser um caçador, como outrora fora. Estava cansado de permanecer na forja. Mas quando a abandonou deixou o homem à sua própria sorte: não havia mais utensílios com que plantar e mesmo os Orixás começavam a sentir na pele tamanha privação, tudo era mais difícil e até os sacrifícios começavam a escassear sem os metais de Ogum. Foi no que Oxum se ofereceu para ir buscá-lo na mata. Os outros Orixás não acreditaram que ela podia. Zombaram dela e fizeram piada de seus atos. Mas, ainda assim, e com a aprovação de Oxalá, ela foi até a mata, vestindo apenas cinco véus de ouro em sua cintura, pés descalços e seu *abebê* em mãos. Quando se deu conta da presença de Ogum, fingiu não tê-la percebido e passou a dançar em meio às folhagens. Ogum, vendo o belo

corpo e a força da jovem, estava completamente dominado por ela. Cada um de seus atos era uma resposta aos dela. Ela foi se dirigindo, dentro em pouco, em direção à cidade, e ele sem perceber ia seguindo Oxum. Oxum era faceira e suas ancas remexiam de tal forma que não podia resistir o pobre Ogum. Quando ele se deu conta, já estava no centro da cidade, no que era aclamado por todos por sua volta. Ogum, orgulhoso, não admitiu que apenas se deixara levar pelos encantos de Oxum, e voltou para sua forja, mas, também, desposou a jovem senhora dos rios, e a fez sua companheira.

Outras histórias contam ainda que foi de seu pai Oxalá que Oxum ganhou o ouro do qual também é senhora e de onde provém seu poder.

Outro de seus poderes remete à fertilidade. Não raro é que as mulheres que querem engravidar e ter filhos ofereçam a Oxum um *omolokun*, prato feito com feijão fradinho, com ovos e camarão, para tal fim. Oxum come com regalo e se delicia.

Características Gerais de Oxum

Habitat	Cachoeira, rios, córregos e lagos.
Sincretismo	Nossa Senhora da Conceição.
Vibração	Paciência, perseverança, sensualidade e fertilidade.
Assuntos relacionados	Problemas sentimentais e de fertilidade.
Partes do corpo	Nas mulheres, útero e ovários; nos homens, coluna vertebral.
Dia da semana	Sábados.
Fase da Lua	Lua crescente.
Essências	Angélica, jasmim e valenciana.
Horários favoráveis	Das 6h00 às 08h00 – para problemas afetivos. Das 18h00 às 20h00 – para futuras uniões e dinheiro.

Cores	Branco, azul-claro e amarelo ouro.
Pedras	Turquesa, safira, jade azul, sodalita e pérola.
Metais	Prata e alumínio.
Flores	Rosas amarelas, crisântemos amarelos e gardê-nias.
Banhos de descarrego	Rosa amarela, colônia, funcho, erva-doce e erva-cidreira.
Guias	120 contas (alternando as contas entre as cores azul e branca e por vezes também entre azul e amarelo ou amarelo e branco), fechando com uma firma dourada (âmbar) ou amarelo ouro.

Tabela 2.8.

Comidas & Bebidas de Oxum

“Oxum se delicia com seu omolocum na beira do rio, Oxum come peixe e quer cocada.”

Oxum é moça faceira, mas de carnes roliças. Oxum gosta de se regalar com seu omolocum e com suas cocadas. Oxum recebe seus pratos e ajuda as mulheres que querem engravidar e os homens que querem se enamorar.

Pontos Cantados de Oxum

*Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras
Sentada na beira do rio
Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio, lírio li
Colhendo lírio, lírio lá
Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá
Colhendo lírio, lírio li*

*Colhendo lírio, lírio lá
Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá.*

*

*Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré
Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré
Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré.*

*

*Estava no alto das pedreiras
Olhando as cachoeiras, as matas e o mar
Iemanjá estava arrumando seu vestido
Xangô lhe deu um grito
Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
E lá nas matas Oxóssi assoviou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou.*

*

*Eu vi Mamãe Oxum chorando
Foi uma lágrima que eu quis aparar
Oraieieu Minha Mãe Oxum
Não deixe a nossa Umbanda se acabar.*

*

*Eu vi a mamãe Oxum
Sentada na cachoeira
Colhendo lírio, lirulê, colhendo lírio, lirulá
Colhendo lírios pra enfeitar nosso congá
Colhendo lírio, lirulê, colhendo lírio, lirulá
Colhendo lírios pra enfeitar nosso congá.*

*

*Na cachoeira, eu vi, eu vi
Rainha da cachoeira, eu vi, eu vi
Mamãe Oxum, abençoando seus filhos, lá na cachoeira.*

IBEJI, AS CRIANÇAS GÊMEAS

Aqueles que enganam a Morte e são Filhos de Oxalá



Figura 2.11.:
Ibeji

Lendas de Ibeji

Muitas são as lendas de Ibeji, mas algumas são mais difundidas que outras. Algumas delas contam, por exemplo, que a mãe de Ibeji é Iansã, mas que é Oxum, em todo o seu instinto materno, quem os acaba criando. Eles deram origem às lendas a respeito de São Cosme e São Damião, com

quem são sincretizados. São Cosme e São Damião não eram crianças no sincretismo católico, mas foram sincretizados com Ibeji, as crianças gêmeas, por terem sido médicos e com sua ciência terem conseguido por vezes “enganar” a morte, tal qual as crianças.

A lenda conta que Ibeji, os Orixás gêmeos, eram bem brincalhões, alegres e divertidos. Não por acaso, eram filhos de Xangô. Viviam tocando pequenos tambores que ganharam de sua mãe adotiva. Nessa mesma época, a Morte estava faminta e começou a colocar armadilhas em todos os cantos, para comer os seres humanos, que são a única iguaria que a satisfaz. Ninguém escapava de sua fome e os seres humanos assim pereciam. Os sacerdotes, curandeiros, médicos, estavam todos desolados. Ninguém conseguia deter a Morte e seu apetite. Foi quando os Ibeji resolveram moldar um plano para detê-la. Um foi pela trilha perigosa onde havia armadilhas da Morte e o outro seguia pelo caminho seguro, dentro do mato, escondido.

O Ibeji que ia pela trilha, tocava seu tambor e a Morte ficou tão maravilhada por seu belo som que não quis que ele morresse, e o avisou da armadilha. A Morte se pôs a dançar pelo som do tambor do menino. E quando ele se cansou, seu irmão trocou de lugar com ele, sem que ela nada percebesse. Assim, um irmão substituíu o outro e a música jamais cessava. A Morte dançava sem fazer qualquer pausa, mas ainda que estivesse muito cansada, não conseguia parar de dançar. Mas o ritmo do tambor era irresistível, o que acabou por deixar a Morte exausta. Ela implorou ao menino que parasse de tocar seu tambor mágico, que queria descansar um pouco.

Eles, então, lhe propuseram um pacto: parariam a música se ela retirasse todas as armadilhas e deixassem os homens morrerem em seu devido tempo. A Morte não teve escolha e aceitou o pacto.

Foi assim que Ibeji se tornaram tão poderosos, mas embora tenham poder, até mesmo sobre a Morte, que nenhum outro Orixá consegue vencer, eles gostam mesmo é de brincar.

Ibeji na Umbanda: Culto & Regência

Sincretizados na Umbanda com São Cosme e São Damião, e ainda, por vezes, com um terceiro irmão, Doun, os Ibeji são aqueles que regem as crianças ou Axeres/Erês.

Embora liderem as linhas que na Umbanda são conhecidas como Linha das Crianças ou Ibejada, não são Erês, e são protegidos de Oxalá, amados, respeitados e mimados por todos, pois trazem alegria e proteção.

Comidas & Bebidas de Ibeji

“Tal qual uma criança, seus pratos favoritos são doces, doces muito saborosos.”

No dia de São Cosme e São Damião, por exemplo, é feito o “caruru das crianças”, que todos comem com as mãos. Sucos de fruta e refrigerantes, bolos, cocadas, rapadura e frutas mil.

IEMANJÁ, RAINHA DO MAR

Aquela que é mãe e governa a Cabeça dos Homens



Figura 2.12.:
Iemanjá

Lendas de Iemanjá

Iemanjá é conhecida por mil nomes. Alguns a chamam de Dona Maria, Marabô, Inaê, Princesa D'Água, Dona Janaína, Senhora das Águas de Aiocá. Iemanjá é mãe e é esposa, ela é Sereia do Mar e nas Noites de Lua ela estende seus cabelos prateados sobre as águas. Mas sua cólera

também é infinita quando provocada e suas ondas podem destruir tudo que encontrarem pela frente.

Uma das lendas mais conhecidas de Iemanjá, embora a que deva ser contada com maior sinal de respeito e temor é aquela sobre o nascimento dos Orixás mais perigosos.

Eis que Iemanjá tinha um filho, Orungã. Ele era filho de Iemanjá e Oxalá, o mais velho. Mas Orungã era Exu e nutria pela mãe um amor incestuoso. Um dia, ele se aproveitou da ausência do pai, seqüestrou e violentou Iemanjá. Ela estava em desespero porque o que estava acontecendo era um crime contra as Leis de Oxalá e contra o próprio Oxalá. Ela conseguiu, por alguns momentos, se desvencilhar, ferindo o filho, e fugiu. Mas ele não se dava por vencido, sua mãe era bela e faceira e ele queria mais. Assim, ele a perseguiu durante muito tempo. Cansada e exausta, Iemanjá caiu desfalecida. Seu corpo mudou de formas de repente, seu ventre se abriu e dele saíram os Orixás mais temidos, de toda a sorte de destruição, tempestade, raio e trovão, fogo e água revolta. Aqueles Orixás carregavam tamanha violência pois eram fruto da relação violenta que o filho manteve com a mãe. Orungã, condenado pela culpa e pelos irmãos, foi viver na rua e nas encruzilhadas, tornando-se de vez o próprio Exu, e Iemanjá, corrompida pela culpa, transformou-se nas águas do mar.

Há ainda outra lenda que conta que Iemanjá ganhou de Oxalá a incumbência de cuidar de todas as cabeças. Foi um tempo em que Oxalá estava doente, muito doente. Sua cabeça doía dia e noite. Ele estava enlouquecendo e com frequência perdia a consciência. Foi quando Iemanjá pegou um coco verde e, proferindo palavras de cura, deitou a água dele sobre a cabeça de Oxalá. Na mesma hora, Oxalá ficou curado. Iemanjá o tinha curado, então, Oxalá a fez Senhora das Cabeças.

Características Gerais de Iemanjá

Habitat	Oceano e mar.
Sincretismo	Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora das Cabeças.
Vibração	Inspirações e família.

Assuntos relacionados	Problemas familiares.
Partes do corpo	Sistema nervoso e, principalmente, cabeça.
Dias da semana	Sextas-feiras e sábados.
Fase da Lua	Lua cheia.
Essências	Jasmim e nardo.
Horários favoráveis	Das 4h00 às 6h00 – saúde, energia e calma. Das 16h00 às 18h00 – inspiração pessoal.
Cores	Branco e azul-claro.
Pedras	Água-marinha e lápis-lazúli (azul e amarela).
Metal	Platina.
Flores	Rosas brancas, palmas, angélicas, orquídeas e crisântemos brancos.
Banhos de descarrego	Rosa branca, flor de laranjeira, angélica e orquídeas.
Guias	Para os filhos de Iemanjá: 115 contas, todas de cristal transparente ou azul claro (não leitosa), fechando com uma firma azul clara ou transparente. Para os filhos de outro Orixá: 120 contas (alternando 3 Brancas e 3 transparentes ou todas transparentes, fechando com uma firma transparente).

Tabela 2.9.

Comidas & Bebidas de Iemanjá

“Iemanjá é a Senhora do Mar e come aquilo que do mar provém.”

A Mãe D'Água recebe de bom grado seu arroz branco cozido, seu peixe e seu pirão, e delicia-se com um manjar branco bem-feito e todo branco. No manjar de Iemanjá não se coloca ameixa nem qualquer outra coisa de cor. Não raro que o chamam de “Branco”, embora brancas, sejam na verdade, as comidas de Oxalá.

Pontos Cantados de Iemanjá

*Eram duas ventarolas
Duas ventarolas que sopravam sobre o mar
Eram duas ventarolas
Duas ventarolas que sopravam sobre o mar
Uma era Iansã, Ieparrê
A outra era Iemanjá, adoceá
Uma era Iansã, Ieparrê
A outra era Iemanjá, adoceá.*

*

Odociaba!

*Fiz um pedido à mãe Sereia, Mãe Iemanjá
para nunca mais errar
Foi na areia, foi na areia
A lua lá no céu
Iluminou nosso lindo mar
A lua lá no céu
Iluminou nosso lindo mar
Sereia, Sereia do Mar
Oi Sereia, Sereia do Mar.*

*

*Eu vou jogar
Vou jogar flores no mar, eu vou jogar!
Uma promessa eu fiz
Para Deusa do mar*

*O meu pedido atendeu
Eu prometi vou pagar
Eu vou jogar
Vou jogar flores no mar, eu vou jogar!*

*

*Ô Janaína, Princesa d'água
Solte os cabelos Janaína e caia n'água!*

*Janaína ê, Janaína êa
Que vive na terra, que vive na lua
Que vive na água, que vive no mar
Me livre dos inimigos, me livre das aflições
Me livre dos perigos, me livre das tentações
Janaína ê, Janaína êa.*

*

*Eu fui à praia saudar Iemanjá
E vi mãe sereia no fundo do mar
Linda aruê, Linda aruá
Rainha das ondas, sereia do mar
Linda aruê, Linda aruá
Rainha das ondas mamãe Iemanjá.*

*

*Ê Iemanjá, ê Iemanjá
Rainha das ondas, sereia do mar
Rainha das ondas, sereia do mar
Como é lindo o canto de Iemanjá
Faz até o pescador chorar
Quem ouvir a mãe d'água cantar
Vai com ela pro fundo do mar
Iemanjá!
Iemanjá é*

*Rainha das ondas, sereia do mar
Rainha das ondas, sereia do mar.*

OXALÁ, O SENHOR DO BRANCO Pai de Todos Nós



Figura 2.13.:
Oxalá

Lendas de Oxalá

São muitas as histórias de Oxalá. Na Umbanda ele carrega muitos nomes, mas em todos eles tem uma função especial e essencial: ele é toda a energia criadora.

Assim, não é de se espantar que ele tenha criado o mundo. O mundo, no entanto, vivia cheio de água, sem ter onde pisar ou se desenvolver nada que não fosse os peixes de Iemanjá, sua esposa. Assim, Oxalá desceu ao mundo com um pombo branco e uma grande concha e nela precipitou um sopro de terra. O pombo, seu animal, começou a ciscar e espalhou terra por todo lado. No começo, essa terra pairou sobre as águas. Logo, ela foi se juntando, se juntando e se juntando. Logo havia terra firme e os primeiros animais da terra foram criados. Assim, como mais tarde, também criou Oxalá o homem, feito do barro que lhe deu Nanã.

Mas Oxalá, em toda a sua sabedoria, criou o princípio, o meio e o fim, e o Fim seria Icu, a Morte, que faria com que o homem retornasse para junto dele e dos demais Orixás.

Oxalá é o grande sacerdote que ensinou aos homens a Verdade do mundo e da Criação. Foi ele, pai carinhoso, quem deu ao homem livre-arbítrio e a proteção dos guias e Orixás.

Inclusive, a Umbanda tem todo um carinho especial por Oxalá, pois este quando viu que sua criação se desvirtuava e se perdia, afastando-se da natureza e dos Orixás, ele próprio se vestiu de homem e veio à terra nos salvar. Ele é o único orixá que já andou pela terra como homem, e ele se chamou Jesus.

A Umbanda assim o cultua e o faz pai de todos porque ele assim o é.

Sincretizado com Jesus Menino, sua grande comemoração é o Natal. Sincretizado com Jesus adulto, sua festa é em honra do Senhor do Bonfim, na Sexta-feira da Paixão.

Características Gerais de Oxalá

Habitat	Praia deserta ou colina descampada.
Sincretismo	Nosso senhor Jesus Cristo e Senhor do Bonfim.
Vibração	Poder supremo, assuntos espirituais.
Assuntos relacionados	Todos os trabalhos positivos e paz interior.
Partes do corpo	Todo o corpo, especialmente a parte psíquica.
Dias da semana	Sexta-feira e domingo.
Fase da Lua	Todas as fases da Lua.
Essências	Aloés, essência de laranjeira e lírio.
Horários favoráveis	6h00 e 18h00, todos os dias.

Cores	Branco e dourado.
Pedras	Brilhante, cristal de rocha e quartzo leitoso.
Metal	Ouro.
Flores	Todas as flores brancas, especialmente os lírios.
Banhos de descarrego	Essência de Aloés e de laranjeira (sete gotas).
Guias	108 contas brancas leitosas, fechadas com uma firma branca leitosa.

Tabela 2.10.

Comidas & Bebidas de Oxalá

“Oxalá é o Senhor do Branco, por isso, todas as suas comidas são brancas.”

Oxalá não bebe qualquer bebida de álcool e abomina o sangue. Por isso, ambos devem ser usados com muito comedimento em sua presença. Ele sabe que os demais Orixás deles se valem, mas é Oxalá quem impõe limites. Oxalá bebe muita água-de-coco e muita água de arroz. Come Ibi, Ebô (canjica doce branca) e açaçá.

Pontos Cantados de Oxalá

*Oxalá meu pai
 Tem pena de nós, tem dó
 Se as voltas no mundo são grandes
 Seus poderes são maiores
 Oxalá meu pai
 Tem pena de nós, tem dó
 Se as voltas no mundo são grandes
 Seus poderes são maiores
 Ô malei malei
 Ô malei malá
 Ô malei malei
 Salve as forças de Oxalá!*

*

*A Umbanda é o caminho
Celestial divino
É nosso Pai Ogum
Saravá Umbanda
Saravá Jesus
Salve o Nazareno
Que por nós morreu na cruz.*

*

*Estrela do Oriente
Que guiou os três reis Magos
Para os campos de Jerusalém
Onde Jesus nasceu
Guiou com muito amor e luz
O povo de Umbanda
Os filhos de Jesus
Epa Orixalá
Auê Porixalá
Ilumina meu espírito
Para a estrela me guiar.*

CAPÍTULO 3

GUIAS E ENTIDADES AFRO-BRASILEIROS

ENTIDADES NEGRAS

*Eu abro a nossa gira com Deus
e Nossa Senhora.*

Eu abro a nossa gira com Samborê e Pemba-de-Angola.

Abertura tradicional de Gira na Umbanda

ESPÍRITOS ANCESTRAIS, EGUNS-DE-SANTO E ENCANTADOS

Esta parte remete, propriamente, às entidades abarcadas dentro da Umbanda, isto é, os espíritos dos pretos das senzalas, dos boêmios e das mulheres voluptuosas que se entregaram à noite e aprenderam a sabedoria dela. Das crianças que vêm a este mundo trazendo pureza e doçura para renovar o espírito. Não que estas sejam as únicas entidades. Trataremos das demais (caboclos, boiadeiros, ciganos, marinheiros, baianos, mestres e outros) nos próximos volumes.

Por que começar por essas entidades?

A resposta é muito simples: Pretos-Velhos são os espíritos dos negros, em sua maioria escravos desencarnados, que em vida lutaram pela liberdade, foram curandeiros, feiticeiros, sacerdotes e muito serviram ao plano espiritual. Em seu desencarne, permaneceram com ligações ao plano terreno, para orientar aqueles que passam pela vida.

Exu e Crianças são entidades diretamente ligadas ao imaginário mítico vinculado aos cultos africanos. Falando primeiro de Exu, estes dos quais falamos agora não são o Orixá do qual falamos na parte II deste livro. Pelo contrário: são espíritos que, em geral, embora vinculados ao Orixá, obedecem-no e servem de mensageiros aos seus propósitos. Já as crianças, estão diretamente ligadas aos Ibeji, as crianças sagradas que enganaram a Morte.

Mas o que são exatamente essas entidades e como elas se articulam?

Alguns as chamam de Encantados, outros ainda, de Eguns-de-Santo (espíritos desencarnados que servem aos Orixás), outros por suas vez reconhecem neles a força dos Espíritos Ancestrais. Tradicionalmente, na Umbanda, eles são chamados Guias, isto é, os espíritos que se tornaram responsáveis pela orientação espiritual e doutrinação da Umbanda. São aqueles que atuam sob uma determinada linha de trabalho que, por sua vez, está ligada diretamente a um Orixá.

A sabedoria deles e sua consciência acerca da natureza humana de que já dispuseram contribuem imensamente para a evolução espiritual constante da humanidade.

Os guias se manifestam por meio dos médiuns, sendo a prática da incorporação a matriz de seu trabalho. Esses espíritos se valem dos mais diversos arquétipos pelos quais se apresentam. Cada arquétipo está ligado a uma determinada Linha Espiritual. Podemos dizer que os arquétipos são roupagens utilizadas pelos guias para se apresentarem nos terreiros e não espíritos que, necessariamente, tenham sido escravos, índios ou crianças, embora existam aqueles que realmente o foram.

Cada Casa ou conjunto de templos tem a sua forma de interpretar e manifestar a Religião de Umbanda. São diversos os ritos que diferem de Casa para Casa. Alguns utilizam atabaques, já outros, não utilizam tais instrumentos, preferindo somente o ritmo das palmas e o cântico dos pontos cantados.

De maneira geral, toda gira de Umbanda inicia-se como o processo de defumação – elemento característico de quase todas as giras (e sobre o qual falaremos mais nos próximos volumes) –, que consiste na queima de ervas e essências, com a finalidade de limpeza da matéria e do espírito, e do ambiente do terreiro antes do início da sessão e do trabalho das entidades que ali estarão. Normalmente as giras se iniciam com os pontos cantados, defumação e a incorporação. As giras variam de casa para casa e podem ser de atendimento e/ou de desenvolvimento, específicas para cada grupamento de entidades, ou seja, gira de pretos-velhos, de caboclos, de crianças etc.

Nas giras de atendimento os médiuns incorporados pelos seus guias (pretos-velhos, caboclos, crianças etc.), procedem ao atendimento espiritual ao público, em que todos são convidados a se consultarem com um guia e/ou a tomar um “passê”.

Nas giras desenvolvimento, os médiuns da Casa aprendem mais sobre todas as questões que concernem a si próprios e àquele templo, por meio do guia-chefe ou dos outros guias mais experientes, para estar preparados para o trabalho espiritual. O desenvolvimento (que também varia de Casa para Casa) consiste em “chamar” o guia do médium e “firmá-lo” nesse médium até que ele, o guia, possa incorporar sem a necessidade da ajuda de um guia mais experiente. Durante o processo de desenvolvimento, os médiuns passam por diversos rituais, como: amacis, boris,

deitadas e outros, que são fundamentados, mas em geral sofrem muitas variações entre as diversas formas de Umbanda existentes.

DIVISÕES, LINHAS E FALANGES

Na Umbanda, dizemos que os Falangeiros são os representantes diretos dos Orixás, e, em muitos casos, a essência dos próprios Orixás manifestada nos médiuns, pois sua força é a emanção pura da energia divina. Quando esses falangeiros incorporam, mostram sua presença e sua força em nome de um Orixá. Porém, exigem muito dos médiuns, não podendo permanecer por muito tempo em terra, na maioria dos casos. O falangeiros agrupam-se em linhas que podem variar de número, mas geralmente são entre sete e nove linhas: Linha de Oxalá; Linha de Iemanjá; Linha de Oxóssi; Linha de Xangô; Linha de Ogum; Linha de Omolu; Linha das Almas, Linha do Oriente; Linha do Povo d'água etc.

Existem outras linhas, que variam muito em função da Casa.

Muito afirmam, contudo, que, por meio do conhecimento sobre o falangeiro que representa o orixá e serve de mensageiro dele, podemos identificar sua qualidade exata. Vamos dar um exemplo: um filho de Ogum que tenha como falangeiro “Seu” Beira-Mar, é de Ogum Beira-Mar. Outro caso, uma filha de Iemanjá que tenha como falangeira a Cabocla Jussara, em geral é filha da Iemanjá mais velha. Uma pessoa que é filha de Ogum e tem como falangeiro “Seu Rompe-Mato”, que é um caboclo das matas, em geral é de Ogum Rompe-Mato, Ogum caçador.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Algo importante, a saber, é que existem quesitos básicos sobre as entidades, que todas respeitam como convenção, para vir à terra e trabalhar na Umbanda. Todas, sem exceção, apresentam um nome, que deve corresponder à falange à qual pertencem; junto com esse nome, um outro que é revelado apenas ao dirigente, pois diz quem realmente é a entidade – em alguns casos, esse segundo nome é tão sagrado que é relevado apenas ao próprio filho/aparelho por meio de sonhos, premonições ou pela própria entidade, em especial porque nesses casos, trata-se de um falangeiro. Além disso, a entidade deve riscar no lugar apropriado seu ponto

(em geral com pomba, branca ou de outras cores), dar seu brado e cantar seu canto, seu ponto cantado.

Não importa se Preto-Velho, Caboclo, Boiadeiro, Criança ou Exu, esse é um processo pelo qual passam todas as entidades. Isso é necessário, pois é uma segurança para o médium, a Casa e o próprio dirigente. Ao provar quem é, a entidade mostra não ser apenas um espírito zombeteiro ou desencaminhado, querendo obsedar o médium (o que pode passar despercebido pelos olhos de um médium inexperiente); o dirigente também acaba por aumentar seus conhecimentos cada vez que reconhece uma nova entidade, tornando sua casa cada vez mais elevada, por meio de sua sabedoria.

Para melhor ilustrar esse processo, vamos tomar um caso – o de um Exu – e analisar, seu ponto riscado e seu ponto cantado, seu nome e a quem ele representa. O mesmo processo pode ser seguido para analisar outras entidades.

Exu Veludo

Esse Exu vem, normalmente, em filhos de Xangô. Seu ponto tem características muito importantes (**Figura 3.1**): são três tridentes curvos na parte de cima do meio do círculo do ponto, demonstrando a finesse de sua riqueza, associada a Xangô; dividindo ao meio, dois tridentes retos, símbolo dos caminhos da rua; na base, uma espiral, mas não única, há mais duas, menores, na parte de cima do círculo – elas são uma das representações da coroa, da realeza, também proveniente de Xangô; uma cruz do lado esquerdo do ponto, mostrando que é um Exu ligado, em geral, à Morte e às demandas do espírito, pois Xangô abomina a Morte, e seu mensageiro o defende dela, e uma nó desatado do lado direito, mostrando as demandas vencidas, sobre as quais prevaleceu seu poder.

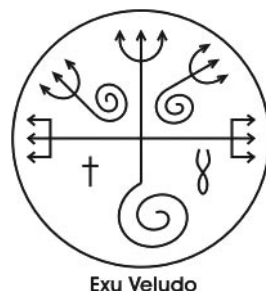


Figura 3.1.:
Ponto do Exu Veludo que representa Xangô

Em geral, seu ponto é:

*Exu da meia-noite,
Exu da Encruzilhada,
No terreiro de Umbanda,
Sem Exu não se faz nada.*

*Ninguém pode comigo,
Eu posso com tudo,
Na minha encruzilhada,
Eu sou Exu Veludo.*

(resposta)
*Ninguém pode com ele,
Ele pode com tudo,
Lá na encruzilhada,
Ele é Exu Veludo.*

Como se pode ver, o ponto confirma precisamente aquilo que foi escrito no ponto riscado. Não é tão completo, pois certas informações só devem chegar a quem precisa sabê-las e não a quem quiser ouvir. Assim, basta analisar o ponto para ver que ele vence demanda e na Encruzilhada ou no terreiro ele fala em nome de Xangô.

Por último, seu brado costuma ser intenso como o de Xangô, mas terminando numa grave gargalhada. Seu nome também mostra sua realeza e a quem ele representa e de quem é mensageiro.

Sua indumentária, em geral é uma capa de veludo vermelho (vermelho da realeza, herdado de Xangô) recobrimdo o peito nu. Por vezes, também pedem uma cartola. É um dos poucos exus que pede para não ser servido com marafo, mas com gin e por vezes whisky. São notórios os traços da boemia requintada em seus gestos e atos, sempre muito conquistador e gentil com as mulheres.

Traz em suas mãos um tridente curvo e, por vezes, um Oxê, de seu orixá, Xangô, na outra mão. Tudo isso mostra quem ele é e dá a segurança devida aos atos.

Feitas essas primeiras explicações, falemos propriamente das entidades a que nos propomos neste livro: Pretos-velhos e, depois, Crianças e as Ibejadas. Por último, Exu e Pombagira.

PRETOS-VELHOS

*Eu joguei meu barco n'água, ô Calunga!
Meu barco vai navegar
Vou dar meu grito de guerra, ô Calunga!
Nas sete linhas eu vou girar.
Ponto de Subida, Vovó Cambinda de Guiné*

Adorei as Almas!

OS ESPÍRITOS DOS NEGROS QUE NÃO DESCANSAM

Pretos-velhos na Umbanda são espíritos como velhos africanos que viveram nas senzalas e na África. Aqueles que estiveram no Brasil, majoritariamente foram escravos que morreram no tronco ou de velhice. Aqueles que viveram na África ou mesmo em outros lugares, eram feiticeiros, escravos e curandeiros.

Os Pretos-velhos são sábios, ternos e pacientes, dão o amor, a fé e a esperança aos “seus filhos”. São entidades desencarnadas que tiveram, pela sua idade avançada, o poder e o segredo de viver longamente por meio de sua sabedoria, e apesar da rudeza do cativo demonstraram fé para suportar as amarguras da vida.

Assim, são guias de extrema elevação espiritual e conhecedores de muitos segredos. Espíritos-guia de elevada sabedoria que trazem esperança e calma.

Eles vêm na vibração por vezes de Omolu e Oxalá, mas pode haver Pretos-velhos representando praticamente qualquer Orixá, excetuando, talvez, Exu e Ibeji, por motivos óbvios e já explanados na seção reservada às explicações sobre os Orixás. São mandingueiros poderosos, de um olhar bondoso, mas que estão sempre analisando tudo, ficam sentados em seus banquinhos, apenas prescrutando, fumando seu cachimbo,

benzendo com seu ramo de arruda e com suas ervas, rezando com seu terço de lágrimas-de-nossa-senhora e aspergindo sua água. Suas bafordas são para limpeza e harmonização e muitas vezes se valem de outros sortilégios, envolvendo ervas, vinhos (em especial tinto e moscatel), entre outros.

Eles pregam constantemente a sabedoria e a humildade e ensinam, por meio de suas várias experiências, em inúmeras vidas, que no final sempre devemos perceber que só o amor constrói e une a todos, e que, embora a matéria nos permita existir e vivenciar fatos e sensações, ela não existe por si só, nós é que a criamos para essas experiências: a realidade é o Espírito. Com humildade, nos auxiliam nessa busca, com conselhos e vibrações de amor incondicional.

São entidades das religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda. Chamamos de Pretos-velhos os Tios e Tias, Pais e Mães, Avôs e Avós, todos com a forma do idoso, do senhor de idade, do escravo. Sua forma idosa representa a sabedoria, o conhecimento, a fé. A sua característica de ex-escravo remete à simplicidade, à humildade, à benevolência e à crença no “poder maior”, no Divino, que salva o corpo e o espírito.

A grande maioria dos terreiros de Umbanda, assim também suas entidades, possuem a fé Cristã, ou seja, acreditam e cultuam Jesus (Oxalá). Entidades aqui tomadas no sentido de espíritos que auxiliam aos encarnados, são guias de luz.

A característica dessa linha seria o conselho, a orientação aos consulentes devido à elevação espiritual de tais entidades. São como psicólogos, receitam auxílios, remédios e tratamentos caseiros para os males do corpo e da alma. Eles são as entidades mais conhecidas nacionalmente, mesmo por leigos que só ouviram falar dessas religiões afro-brasileiras. O Preto-velho também é muito lembrado pelo instrumento que normalmente utiliza – o cachimbo.

Os nomes de alguns Pretos-velhos comuns de que se tem notícia são Pai João, Pai Joaquim de Angola, Pai José de Angola, Pai Francisco, Vovó Maria Conga, Vovó Catarina. Pai Jacó, Pai Benedito, Pai Anastácio, Pai Jorge, Pai Luis, Mãe Maria, Mãe Cambinda, Vovó Cambinda de Guiné, Mãe Sete Serras, Mãe Cristina, Mãe Mariana, Maria Conga, Vovó Rita etc. Na Umbanda, os Pretos-velhos são homenageados no dia 13 de maio, data que foi assinada a Lei Áurea, a abolição da escravatura.

Os pontos servem para saudar a presença das entidades, diferentemente do que geralmente se pensa, não foram feitos para chamar, mas sim para agradecer a presença, como um “Olá”.

Na linha de Preto-velho, na Umbanda, incorporam as entidades que se apresentam estereotipadas como anciãos negros, conhecedores profundos da magia Divina e da manipulação de ervas, conhecimentos que aplicam freqüentemente em sua atuação na Umbanda, porém no Candomblé são considerados eguns.

Em seus pontos eles fazem referência à dor e aflição sofrida pelo povo negro durante a escravidão e, por isso, a linha de preto-velho reflete a humildade, a paciência e a perseverança. Os pretos-velhos apresentam-se com nomes que individualizam sua atuação, conforme nação ou orixá regente, evidenciando sua atuação propriamente dita.

Os nomes comumente usados são “Pai” e “Velho”, pois em geral fazem referência a duas figuras importantes da sustentação da estrutura social da senzala: o pai era o reprodutor, o negro de boas características que reproduzia para ter bons filhos para o senhor de engenho; o velho, normalmente era o mais velho, que sobrevivera quer aos castigos, quer ao tempo. Nos nomes femininos, em geral o comum é vermos “Vó” ou “Tia”, já que muitas vezes, ainda pequeno, o escravo era vendido para outros lugares, e essas mulheres é que eram encarregadas quer de criar esses pequenos órfãos de mãe viva, quer de cuidar dos filhos dos senhores.

Sua proveniência também é muito importante. Em geral, aqueles que remetiam ao Congo eram pretos-velhos ativos na linha de Iansã; de Aruanda, ativos na linha de Oxalá; D’Angola, ativos na linha de Ogum; das Matas, ativos na linha de Oxóssi; Calunga, Cemitério ou das Almas, refere-se a pretos-velhos ativos na linha de Omolu; de Guiné, ativos na linha de Iemanjá.

COMIDAS DE PRETO-VELHO

As festas de Preto-velho na Umbanda são das mais emocionantes. Não há muita dança ou muita agitação, mas, em geral, a comemoração é por toda a ajuda que já ofereceram sentados em seus tocos. O terreiro é enfeitado e eles recebem honras e agradecimentos. Por isso, é o melhor momento para lhes fazer suas iguarias: o aipim das almas e sua canjiquinha doce.

*Vovó tem sete saias
Na última saia tem mironga
Vovó veio de Angola
Pra salvar filhos de Umbanda*

*Com seu patuá e a figa de Guiné
Vovó veio de Angola pra salvar filhos de fê.*

*

*As almas dão
As almas dá,
as almas dão.
As almas dá,
as almas dão.
pra quem sabe aproveitar.
Nos ajude santas almas,
com a fê de Pai Oxalá*

*As almas dão
As almas dá,
as almas dão.
As almas dá,
as almas dão.
pra quem sabe aproveitar.
Nos ajude santas almas,
com a fê de Pai Oxalá.*

*

*Lá vem Vovó descendo a ladeira com sua sacola,
é com seu patuá é com sua mironga,
ela vem de Angola,
Eu quero ver Vovó, eu quero ver,
eu quero ver se filho de santo tem querer!!!*

Lá vem Vovó descendo a ladeira com sua sacola,

*é com seu patuá é com sua mironga,
ela vem de Angola,
Eu quero ver Vovó, eu quero ver,
eu quero ver se filho de santo tem querer!!!*

*Vovó é pisa no gonga,
passa a mão na pamba
não deixa filho tombar*

*Vovó é pisa no gonga,
passa a mão na pamba
não deixa filho tomba!!!*

SARAVÁ!!

*

*Vovó Cambinda
onde você mora?
Vovó Cambinda
e de onde vem?
Moro na Umbanda
junto com meu povo
cheio de sangue
praticando o bem
Vovó Cambinda qual é o caminho?
Pra ir a Santa, diga por favor
pegue a estrada da fraternidade,
paz, igualdade, justiça e amor.*

*

*Vovó é...
É dona de conga
Vovó é...
É dona de conga
Mais se Vovó disse que é*

*Ela é dona conga!
Mais se Vovó disse que é
Ela é dona conga!*

*

*O tia Maria preta-velha da Bahia
Rezadeira de quebrante
Dança na ponta do pé
Quando pega num rosário
Traça Umbanda e Candomblé.*

*

*Quem vem de lá o de tão o longe,
São os pretos-velhos que vem trabalhar.
Quem vem de lá o de tão o longe,
São os pretos-velhos que vem trabalhar.*

*Oh! Dai-me forças pelo amor de Deus, oh meu pai
Oh! Dai-me forças nos trabalhos meus.
Oh! Dai-me forças pelo amor de Deus, oh meu pai
Oh! Dai-me forças nos trabalhos meus.*

*Quem vem de lá oh de tão longe,
São os pretos-velhos que vem trabalhar.
Quem vem de lá oh de tão longe,
São os pretos-velhos que vem trabalhar.*

*Oh! Dai-me forças pelo amor de Deus oh meu pai
Oh! Dai-me forças nos trabalhos meus
Oh! Dai-me forças pelo amor de Deus oh meu pai
Oh! Dai-me forças nos trabalhos meus!*

*

*Vovó não quer
Casca de coco no terreiro
Vovó não quer
Casca de coco no terreiro
Pra não lembrar dos tempos do cativoiro
Pra não lembrar dos tempos do cativoiro
Carpiste Angola
Eu tô carpinando e tá crescendo
Olha que
Tô carpinando e tá crescendo
Tô carpinando e tá crescendo*

*Vovó não quer
Casca de coco no terreiro
Vovó não quer
Casca de coco no terreiro
Pra não lembrar dos tempos do cativoiro
Pra não lembrar dos tempos do cativoiro
Carpiste Angola
Eu tô carpinando e tá crescendo
Olha que
Tô carpinando e tá crescendo
Tô carpinando e tá crescendo.*

*

*Se a pedra é dura
É dura de quebrar
Coração que não bambeia
Hoje tem que bambear,
Eu pisei na pedra
E a pedra balanceou
O mundo estava torto
E Pai João endireitou*

*Eu pisei na pedra
E a pedra balanceou
O mundo estava torto
E Pai João endireitou*

*É Pai João é quem abre os caminhos
Pai João é quem abre o gonga
Segura sua candira meu Pai João
Não deixa esse goga virar
Segura sua candira meu Pai João
Não deixa esse gonga virar.*

*

*Rei Congo, Rei Congo
Cadê preto-velho?
Foi trabalhar na linha de Congo
É Congo, é Congo, é Congo
é de Congo, é de Congo aruê
É Congo, é Congo, é Congo
Agora que eu quero ver...*

*Rei Congo, Rei Congo
Cadê preto-velho?
Foi trabalhar na linha de Congo
É Congo, é Congo, é Congo
é de Congo, é de Congo aruê
É Congo, é Congo, é Congo
Agora que eu quero ver...*

CRIANÇAS (ERÊS & IBEJADA)

*Cosme e Damião
Damião, Cadê Doum?
Ponto de Ibejada*

Onibejada! Bejê Erô!

AS CRIANÇAS E SUAS QUIMERAS

“Essa faculdade de apresentar-se e agir como criança, não quer dizer que seja um espírito-criança. Pode ser, talvez, mais velho que os pais. Ele vem com aspecto ou forma infantil, porque é conveniente vir assim, pois do contrário, dificilmente seria reconhecido.”
(Manual para Chefes de Terreiros, p. 116).

Os Erês, ou Crianças (em Angola, Vungi) são espíritos, entidades que representam a alegria, a sinceridade, a inocência, tudo que é puro. Representam as crianças, são alegres, travessos, manhosos, cheios de denço e manias. É a síntese da pureza.

Geralmente são muito ligados à linha das almas (pretos e pretas-velhas), sempre pedindo suas bênçãos e se referindo a eles como Vô e Vó. Também costumam ser muito apegados aos seus apetrechos. Cada um deles tem uma mania: chupetas, bonecas, carrinhos, bonés, marias-chiquinhas, travesseiros, talco etc.

Sempre quando estão em terra esperam muitos agrados, adoram doces, guloseimas, balas, pirulitos e adoram um grande bolo todo confeitado e um “Parabéns a você” para eles cantarem e apagarem as velinhas. São muito sensíveis, mas justamente por isso são entidades de grande sabedoria, que entre brincadeiras soltam as “verdades” que precisamos ouvir.

Quando incorporam são brincalhões, travessos, meigos, chorões. Gostam de doces, balas, bolos, refrigerantes além de farinha com açúcar, pirão de feijão, arroz doce, frutas etc. Suas comidas são as mesmas de Ibeji, então, por isso, as oferendas podem ser as mesmas, acompanhadas de brinquedos e outros.

PONTOS DE IBEJADA, SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

*São Cosme e São Damião
são Damião cadê Doum?
São Cosme e São Damião
Na sua Aruanda falta um.*

*

*Bahia é terra de dois
É terra de dois irmãos
Governador da Bahia
É São Cosme e São Damião*

*Bahia é terra de dois
É terra de dois irmãos
Governador da Bahia
É São Cosme e São Damião.*

*

*Mariazinha nasceu na beira do rio.
Na beira do rio lá no Juremá.*

*Mariazinha nasceu na beira do rio.
Na beira do rio lá no Juremá.*

*Onde a lua brilha, clareia campina.
Clareia mata pras crianças brincar.*

*Onde a lua brilha, clareia campina.
Clareia mata pras crianças brincar.*

*

*Lá no céu tem três estrelas
Todas três em carreirinha
Lá no céu tem três estrelas
Todas três em carreirinha
Uma é Cosme, Damião
A outra é Mariazinha
Uma é Cosme, Damião
A outra é Mariazinha*

*Lá no céu tem três estrelas
Todas três em carreirinha*

*Lá no céu tem três estrelas
Todas três em carreirinha
Uma é Cosme, Damião
A outra é Mariazinha
Uma é Cosme, Damião
A outra é Mariazinha.*

*

*Andorinha que voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu Andorinha
Andorinha que voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu Andorinha*

*Andorinha que voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu Andorinha
Andorinha que voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu Andorinha.*

*

*Cosme e Damião
a sua casa cheira
Cheira a cravo, cheira a rosa
e a botão de laranjeira
Cheira a cravo, cheira a rosa
e a botão de laranjeira.*

*Cosme e Damião
a sua casa cheira
Cheira a cravo, cheira a rosa
e a botão de laranjeira
Cheira a cravo, cheira a rosa
e a botão de laranjeira.*

*

*Cosme e Damião,
Damião cadê Doum?
Doum foi passear lá no cavalo de Ogum
Cosme e Damião,
Damião cadê Doum ?
Doum foi passear lá no cavalo de Ogum
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe Iemanjá
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe Iemanjá.*

*Cosme e Damião,
Damião cadê Doum?
Doum foi passear lá no cavalo de Ogum
Cosme e Damião,
Damião cadê Doum?
Doum foi passear lá no cavalo de Ogum
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe Iemanjá
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe Iemanjá.*

*

*Fui no jardim colher as rosas
A vovózinha deu-me a rosa mais formosa
Fui no jardim colher as rosas
A vovózinha deu-me a rosa mais formosa
Cosme e Damião, ôoooh Doum
Crispim, Crispiniano
São os filhos de Ogum
Cosme e Damião, ôoooh Doum
Crispim, Crispiniano
São os filhos de Ogum!*

*Fui no jardim colher as rosas
A vovózinha deu-me a rosa mais formosa*

*Fui no jardim colher as rosas
A vovózinha deu-me a rosa mais formosa
Cosme e Damião, ôoooh Doum
Crispim, Crispiniano
São os filhos de Ogum
Cosme e Damião, ôoooh Doum
Crispim, Crispiniano
São os filhos de Ogum!*

EXUS E POMBAGIRAS

*Sete facas de ponta,
em cima de uma mesa,
Sete velas acesas, lá na encruzilhada,
Exu é Rei, Alubandê Exu,
Exu é Rei, Alubandê Exu,
Exu é Rei, Lá nas Sete Encruzilhadas.
Ponto de Exu, tradicional*

Laroiê! Salve o Povo de Rua!

EXU

A Umbanda também cultua Exu, mas não o Orixá, como já foi dito antes, o que torna a prática ritual bastante diferente do Candomblé. Na Umbanda não se manifesta o próprio Orixá e sim seus mensageiros, espíritos que vêm em terra para orientar e ajudar. Quando incorporam se caracterizam alguns com capas, cartolas, bengalas (masculinos), e saias rodadas, brincos, pulseiras, perfumes e flores (femininos, também chamados de pombagiras).

Não é necessário, contudo, que os médiuns se valham dessas vestimentas e artifícios para Exu. Cada terreiro trabalha de uma forma diferente, alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns, nos quais todos vestem branco, por exemplo.

Encontramos aqueles que crêem que os exus são entidades (espíritos) que só fazem o bem, e outros que crêem que os exus podem também ser neutros ou maus. Mas a maioria das pessoas, e até mesmo dos médiuns e

dirigentes, não têm uma idéia muito clara da natureza da(s) entidade(s), quase sempre por falta de estudo da religião. Os exus não devem, portanto, ser confundidos com o obsessores, apesar de ficar sob o seu controle e comando os espíritos atrasadíssimos na evolução e que são orientados por eles para a caridade e o trabalho do equilíbrio e do bem.

Há algumas diferenças na maneira de ver Exu no Candomblé e na Umbanda. No primeiro, Exu é como os demais Orixás, uma personalização de fenômenos naturais. O Candomblé considera que as divindades, ou seja, os Orixás incorporam nos médiuns. Na Umbanda, quem incorpora nos médiuns, além dos Caboclos, Pretos-velhos e Crianças, são os Falangeiros de Orixás, representantes deles, e não os próprios.

A Umbanda vê os exus não como deuses, mas como uma entidade que busca iluminação por meio da caridade. Em síntese o grande agente mágico de equilíbrio universal.

É preciso dizer, também, que os trabalhos malignos (os tão famosos “pactos com o diabo”), para prejudicar seriamente algo ou alguém, por exemplo, não são acordos feitos com os exus, mas com os Kiumbas que agem na surdina e não estão sob a orientação de algum exu, fazendo-se passar por um deles, atuando em terreiros que não praticam os fundamentos básicos da Umbanda.

Os exus são confundidos com os Kiumbas, que são espíritos trevosos ou obsessores, desajustados perante à Lei, provocando os mais variados distúrbios morais e mentais nas pessoas, desde pequenas confusões, até as mais duras e tristes obsessões. São espíritos que se comprazem na prática do mal, apenas por sentirem prazer ou por vinganças, calcadas no ódio doentio.

Alguns espíritos, que usam indevidamente o nome de Exu, procuram realizar trabalhos de magia dirigida contra os encarnados. Na realidade, quem está agindo é um espírito atrasado. É justamente contra as influências maléficas, o pensamento doentio desses feiticeiros improvisados, que entra em ação o verdadeiro exu, atraindo os obsessores, cegos ainda, e procurando trazê-los para suas falanges que trabalham visando à própria evolução.

POMBAGIRA

Pombagira, é uma exu-fêmea, é uma entidade que trabalha na Umbanda na linha de esquerda e é uma entidade que tem em sua atuação central a sexualidade e a magia. Existem muitas linhas de pombagiras

atuantes na vida de cada pessoa, e cada uma manifesta-se de acordo com a seriedade do médium, se forem realmente pombagiras.

As pombagiras superficialmente podem ser classificadas em cinco grandes linhas (há outras, porém não as citaremos): a Linha do Ar, na qual atuam entidades como Maria Padilha, Rosa dos Ventos etc.; Linha das Encruzilhadas, pombagira Rainha das 7 Encruzilhadas etc.; Linha do Cemitério, pombagira da Calunga, pombagira das Almas etc.; Linha das Ciganas, pombagira Cigana das Sete-Saias; e, Linha das Matas, como a pombagira Maria Mulambo.

As oferendas são inúmeras, sempre acompanhadas de champagne de boa qualidade, bons vinhos, bebidas fortes como o gim, Bourbon, martini e em isolados casos a pinga. A ela são oferecidos cigarrilhas e cigarros de boa qualidade, rosas vermelhas, sempre em número ímpar, mel, licor de anis (uma de suas bebidas preferidas), espelhos, enfeites, jóias, bijuterias de boa qualidade, anéis, batons, perfumes, enfim todo o aparato que toda mulher gosta e preza.

E, só para finalizar, citemos algumas das mais conhecidas pombagiras: pombagira Cigana, pombagira Rainha, pombagira Arrepiada, Rosa Caveira, pombagira das Sete Encruzilhadas, pombagira do Cruzeiro, pombagira da Calunga, pombagira Mirongueira, Maria Quitéria, Rainha das Rainhas, pombagira Mocinha, Rainha Sete Encruzilhadas, Rainha do Cemitério, pombagira das Almas, pombagira da Praia, Dama da Noite, pombagira Sete Calungas, Maria Mulambo das Sete Catacumbas.

COMIDAS DE EXU & POMBAGIRA

Para regalar Exu e Pombagira, damos os mesmos alimentos que ao Orixá que porta o mesmo nome.

Muita pimenta e muito dendê, muito otim, que é como os Iorubás chamam o álcool, são sempre regalo para esse casal.

PONTOS DE EXU E POMBAGIRA

SEU MAIORAL

*Oiaiá Catira de Umbanda,
Espia, espia, quem vem lá (bis)*

*É o supremo rei da Quimbanda,
Chefe de chefe é Maioral (bis)
Pisa, pisa no terreiro,
Papai de Umbanda,
Mandou lhe chamar. (bis)*

*

MARABÔ

*Exu Marabô, iê, Marabô Mojubá. (bis)
Na calunga ele é Marabô,
Na encruza ele é Mojubá. (bis)*

*Eu vou mandar chamar,
Eu vou chamar lá de Aruanda. (bis)
Eu vou mandar chamar,
Seu Marabô na Quimbanda. (bis)*

*

MARABÔ/POMBAGIRA

*Quando o mundo pegou fogo,
Foi Pombagira quem apagou. (bis)
Banda de Exu, Exu, Ala-la-ô,
É Pombagira e seu Marabô. (bis)*

*

MARABÔ/MARIA PADILHA

*Arreda, arreda, que aí vem mulher. (bis)
É Maria Padilha a mulher de Lúcifer. (bis)
Exu Marabô vem na frente,
Dizendo quem ela é. (bis)
Ela é Maria Padilha,*

A mulher de Lúcifer. (bis)

MARABÔ/POMBAGIRA/Sete ENCRUZILHADAS

*Corre, corre, Encruzilhada,
Pombagira quem mandou. (bis)
Na porteira da calunga, auê,
Ouço um brado é Marabô. Exu. (bis)*

*

TRANCA-RUAS

*Estava dormindo na beira do mar. (bis)
Quando as almas lhe chamaram pra trabalhar. (bis)
Acorda Tranca-Ruas, vai vigiar. (bis)
O inimigo está invadindo a porteira do curral. (bis)
Bota as mãos nas suas armas, vai guerrear. (bis)
Bota o inimigo pra fora, para nunca mais voltar. (bis)*

*Tranca-Ruas no reino,
Ai meu Deus o que será. (bis)
Bota a chave na porta,
Tranca-Ruas vai chegar. (bis)
Ele vem salvar a banda,
Com licença de Oxalá. (bis)*

*Mas ele é, Capitão da Encruzilhada, ele é,
Mas ele é, Ordenança de Ogum,
Sua coroa quem lhe deu foi Oxalá,
Sua divisa quem lhe deu foi Omolu,
Mas ele é...*

*Salve o cruzeiro, salve o sol e salve a lua,
Saravá seu Tranca-Ruas,
Que corre gira no meio da rua. (bis)*

*Estava dormindo,
Quando a Umbanda lhe chamou,
Se levanta minha gente,
Tranca-Ruas já chegou. (bis)
Quando a lua surgir,
Ele vai girar, ele vai girar,
Chegou seu Tranca-Ruas,
Para todo mal levar. (bis)*

*Na fé de meu Pai Ogum,
Ele vem trabalhar. (bis)
Mas ele é, mas ele é, mas ele é,
Tranca-Ruas das Almas. (bis)*

*Oi viva as almas,
Oi, viva a coroa e a fé,
Oi, viva Exu das Almas,
Mas ele é Tranca-Ruas Imbaié,
Oi, viva as almas!*

*

TIRIRI

*Estava curiando na encruza,
Quando a banda lhe chamou. (bis)
Exu no terreiro é rei,
Na encruza ele é doutor. (bis)
Exu vence demanda,
Exu é curador. (bis)*

*Exu Tiriri, Lonan,
Morador da encruzilhada. (bis)
Toma conta, presta conta,
No romper da madrugada. (bis)*

*

MANGUEIRA

*Esse boi vermelho, calunga,
Caiu Mangueira, calunga,
Arranca o couro dele, calunga,
Pra fazer pandeiro, calunga.*

*

SETE ENCRUZILHADA

*Ouvi, ai ouvi,
Exu dar sete gargalhadas. (bis)
Quem era esse Exu,
Era seu Sete Encruzilhadas. (bis)*

*

DIVERSOS EXUS

*Exu é de querer, querer,
Na sua banda eu quero ver. (bis)*

*Mas ele chega no romper da aurora,
Seu Sete Encruzas manda agora,
Seu Marabô quem manda agora.
Seu...*

*

MEIA-NOITE/POMBAGIRA

*Salve, Exu da Meia-Noite,
Salve, Exu da Encruzilhada,
Salve, o Povo de Aruanda,
Sem Exu não se faz nada. (bis)*

*Com sete facas cravadas numa mesa,
Sete velas a iluminar,
Chama à gira Pombagira,
Vamos com eles trabalhar. (bis)*

*

POMBAGIRA/TRANCA-RUAS/MARABÔ

*Santo Antônio de Batalha,
Faz de mim um trabalhador. (bis)
Corre gira Tranca-Ruas,
Pombagira e Marabô, Exu. (bis)*

POMBAGIRA/TRANCA-RUAS

*Deixa a moreninha passear,
Deixa a moreninha passear,
Oi, deixa a moreninha passear,
Seu Tranca-Ruas,
Deixa a moreninha passear.*

*

POMBAGIRA

*Lá na atalaiá, de Pombagira,
De Pomba Gire, para quem não caia. (bis)
Pomba Gire, Pomba Girá, Pomba Gire,
Para que não caia. (bis)
Pombagira,
Se tu és uma rosa,
Que floresceu,
Sob um manto de espinho... (bis)*

*Ai Pombagira, se tu és uma rosa,
Se tu és uma rosa, Pombagira,
Abre os meus caminhos. (bis)
Pombagira...*

*Auê, auê, auê,
Pombagira é de Maceió. (bis)
Aonde mora Pombagira,
Ela mora em Maceió. (bis)*

*Se a sua coroa é de ferro,
A sua capa é encarnada. (bis)
Saravá Exu Pombagira,
Rainha das Sete Encruzilhadas. (bis)*

*Por aquela estrada,
Vem uma moça bonita. (bis)
Ela vem girando,
Com seu vestido de chita. (bis)
E olha Pomba girê, Pomba girá,
E olha a Pombagira. (bis)*

*Juraram de lhe matar,
Na porta de um cabaré. (bis)
Mas anda de noite e de dia,
Não mata porque não quer. (bis)*

*

POVO DO CEMITÉRIO

*Cemitério é praça linda,
Ninguém queira passear. (bis)
Catacumba é casa branca,
É casa de Exu morar. (bis)*

*

SUBIDA DE EXU

*E Exu vai pelo pé, pelo pé,...
E ele vai pela mão, pela mão... (bis)
Exu já vai embora, Ganga com Ganga,
É no gongá. (bis)*

*Olha Exu como caminha,
Ele vai caminhar.
Caminhar pra sua banda,
Exu vai caminhar.*

*

SETE ENCRUZILHADAS

*Não mexe com ele,
Que ele é ponta de agulha. (bis)
Quem mexe com Sete Encruzas,
Tá cavando a sepultura. (bis)*

*

EXU FECHA A PORTEIRA

*Portão de ferro,
Cadeado é de madeira. (bis)
Exu toma conta,
Exu presta conta,
Seu Exu fecha a nossa porteira. (bis)*

*

EXU TIRIRI MENINO

*Mais uma vez vou cantar, vou dizer,
Deixa o Tiriri Menino,*

Eu não vivo sem você. (bis)

*Se meu destino entreguei na sua mão,
Lhe dei a chave que abriu meu coração,
Se dos caminhos que a vida me levou,
Grande parte dos espinhos foi você quem retirou.*

Mais uma vez...

*Nas alegrias ou nas horas de aflição,
Todos os dias vem você me dando mão,
Se dos meus olhos muito pranto já rolou,
Todo cheio de carinho foi você quem enxugou.*

Mais uma vez...

*Se do meu canto você é a inspiração,
E se eu canto é porque tenho razão,
Nas melodias que por certo ainda farei,
Pelo resto dos meus dias o seu nome eu louvarei.*

Mais uma vez...

*

EXU DA MADRUGADA

*Laroiê Exu!
Exu é mo jubá!*

*Já é meia noite,
Na encruzilhada,
Mate o bote preto,
Exu da Madrugada. (bis)
Vamos saravá,
Toma seu marafo,
Queima sua fundanga,*

*Tira meu fracasso.
Já é meia-noite...*

*Lá na encruza,
Quando lá cheguei,
Conheci seu Veludo,
Com ele falei.*

Já é meia-noite...

*Fiz minha entrega,
Para ser feliz,
Tenho tudo que quero,
Seu Veludo assim diz.*

*Já é meia-noite...
Já é meia-noite...*

*

SEU SETE

Saravá Seu Sete!

*Ó lelê, ó lalá,
Bota fogo na fundanga,
Seu Sete vai trabalhar. (bis)*

*Aqui neste terreiro,
Seu Sete já chegou,
Quem tiver sua demanda,
Seu Sete já tirou.*

O lelê, o lalá...

*Onde está meu bife crú,
Onde está o meu marafo,
Figa preta e vermelha,
Seu trabalho agora eu faço.*

O lelê, o lalá...

*Leve uma galinha preta,
Farofa com dendê,
Vela preta e vermelha,
Seu Sete vai lhe atender.
O lelê, o lalá...*

*Laroiê Exu!
Exu é mojubá!*

*

POMBAGIRA

*Pombagira girou,
Porque já chegou,
Ninguém pode com ela,
Pai de Santo saudou. (bis)*

*Pombagira, Dama da Noite,
Mulher rica sim senhor,
Ela anda a noite inteira,
À espera de um amor.
Pombagira girou,
Porque já chegou,
Ninguém pode com ela,
Pai de Santo saudou. (bis)*

*Ó, Pombagira,
Mulher formosa,
Venho te oferecer,
Essa linda rosa.*

*Pombagira girou,
Porque já chegou,
Ninguém pode com ela,
Pai de Santo saudou. (bis)*

*Quero a proteção,
Neste terreiro,
Vou falar contigo,
Serei sempre o primeiro.*

*Pombagira girou,
Porque já chegou,
Ninguém pode com ela,
Pai de Santo saudou. (bis)*

*

POMBAGIRA CIGANA

Laroiê Exu!

*Vinha caminhando a pé,
Para ver se encontrava,
A minha Cigana de fé.*

*Eu vinha!
Vinha caminhando a pé,
Para ver se encontrava,
A minha Cigana de fé.
Parou e leu minha mão,
E disse-me toda a verdade.
Só queria saber,*

*Onde mora,
Pombagira Cigana.*

Laroiê Exu!

*

TRANCA-RUA

Laroiê Exu!

Saravá seu Tranca-Rua!

*Seu Tranca-Rua, é uma beleza,
Eu nunca vi um Exu assim. (bis)
Seu Tranca-Rua é uma beleza,
Ele é madeira que não dá cupim. (bis)*

Laroiê Exu!

*O meu Senhor das Almas,
De mim não faça pouco. (bis)
Olha lá que ele é Exu,
É Exu Arranca-Toco. (bis)
O meu Senhor das Almas,
Disse que eu não valho nada. (bis)
Olha lá que ele é Exu,
Rei das Sete Encruzilhadas. (bis)*

*

SAUDAÇÃO AO SEU SETE DAS ALMAS

Laroiê Exu! Exu é mo jubá!

*É do Reino das Almas que eu vim!
E pro Reino das Almas vou voltar! (bis)*

*É no Reino das Almas que eu moro!
E a minha Coroa é de Oxalá! (bis)*

*Oi, lê, lê, lê, lê, lê, lê!
Oi, la, la, la, la, la, la! (bis)
É no Reino das Almas que eu moro!
E a minha Coroa é de Oxalá! (bis)*

*

SEU SETE EM BATALHA

*Com as almas do cruzeiro,
E a Coroa de Oxalá,
Defendendo os oprimidos,
Seu Sete vai batalhar. (bis)*

*Na luta das Santas Almas,
Todo mal perecerá,
Com as armas da caridade,
E a Bandeira de Oxalá. (bis)*

*

ELA MORA NO JARDIM

*Proprietária do jardim,
É amante do Exu,
Trabalha na encruzilhada,
É Rainha de Omolu. (bis)*

*

TRABALHAR PRA QUÊ?

*De madrugada quando eu vou descendo o morro,
A nega pensa que vou trabalhar. (bis)*

*Eu boto meu baralho no bolso,
Meu cachecol no pescoço,
E vou pra Barão de Mauá. (bis)
Mas trabalhar, trabalhar pra quê?
Se eu trabalhar eu vou morrer. (bis)*

*

EXU TIRIRI DE UMBANDA

*Exu Tiriri de Umbanda,
Mora na encruzilhada,
Toma conta e presta conta,
Ao romper da madrugada.*

*

SETE CAPAS

*Eu sou Exu Sete Capas,
Dono das Sete Encruzilhadas,
Comigo não quero graça,
Eu não sou de caçoada.*

APÊNDICES

APÊNDICE I – ORIGENS DO NOME UMBANDA

Quando Zélio Fernandino, incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, denominou a religião que ali nascia, esse nome foi anotado por um dos presentes como *Allabanda*, substituído por *Aumbanda*. Em sânscrito, língua sagrada das longínquas terras do Oriente, essa palavra pode ser interpretada como “Deus ao nosso lado” ou “o lado de Deus”.

Mas essa não é a única explicação para o nome da nova religião. Sabe-se também que, na África, em terras bantas, muito antes de chegada do branco, já existia o culto aos ancestrais (chamados depois no Brasil “guias”). Também era conhecida a palavra *'mbanda* (umbanda) significando “a arte de curar” ou “o culto pelo qual o sacerdote curava”, sendo que *'mbanda* quer dizer “o Além – onde moram os espíritos”. Os sacerdotes da *'mbanda* eram conhecidos como “kimbandas” (ki-mbanda, do Quimbundu, língua da região em que hoje é Angola, especialmente Cabinda, significa “aquele que se comunica com o Além”).

Há, ainda, a teoria de que a palavra Umbanda é um vocábulo sagrado da língua Abanheenga, que era falada por integrantes da etnia de mesmo nome, integrante do tronco Tupi. Assim, esse termo nunca teria sido trazido da África pelos escravos.

Por último, outra teoria, mais espiritualista e menos baseada em teorias lingüísticas, é a de que o termo Umbanda, considerado a “Palavra Perdida” de Agartha, foi revelado por espíritos integrantes da Confraria dos Espíritos Ancestrais. Esses espíritos são seres que há muito não encarnam por terem atingido um alto grau de evolução, mas que fariam incorporações nos templos de Umbanda para trazer a Luz do Conhecimento, em nome de Deus. Utilizam-se da mediunidade de encarnados previamente comprometidos em servir de veículos para sua manifestação. Assim, os radicais que compõem a palavra são: *aum* – *ban* – *dan*, com base no Adâmico ou Vattânico revelado ao Ocidente pelo Marquês Alexandre Saint-Yves d'Alveydre, na sua obra *O Arqueômetro*. O morfema *aum* significa “A Divindade Suprema”, enquanto *ban* significa “conjunto” ou “sistema”, e *dan* significa “regra” ou “lei”, do que podemos tirar o significado, o “conjunto das leis divinas”.

Há muitas teorias que relacionam a diversas línguas significados para a palavra Umbanda. Isso não muda a essência primordial do significado das ações perpetradas pela religião: Amor, Fraternidade e Caridade.

APÊNDICE II – O USO DE BEBIDAS E TABACO E O SACRIFÍCIO DE ANIMAIS

Um dos assuntos mais controversos da Umbanda remete ao uso de bebidas e tabaco nos rituais e em outros diversos momentos do culto. A respeito dessa discussão, muita polêmica já foi criada, pois há os que defendem o uso (quer o indiscriminado, quer regulado apenas pelas entidades, quer o moderado pelos dirigentes) e os que defendem a erradicação por parte dos médiuns ou total.

A idéia neste breve apêndice não é defender uma ou outra postura, mas apresentar argumentos favoráveis e contrários a todas essas posições para permitir ao leitor exercer o livre-arbítrio.

Sobre a defesa do uso livre do tabaco e das bebidas alcoólicas, podemos enxergar a situação por dois diferentes prismas, o primeiro positivo: herança dos cultos africanos, o uso das bebidas alcoólicas (que também encontra seu respaldo no cristianismo, com o vinho que representa o sangue de Cristo) e o uso do tabaco são necessários, pois trazem certa vibração energética devida a rituais específicos. A exemplo, podemos citar o preparo do Aluá, da Jurema, entre outros, sem contar que a bebida também é usada para “temperar” objetos ritualísticos e sacrifícios relacionados a Exu, Pretos-velhos bebem em geral vinho ou bagaceira, Marinheiros bebem cerveja e cachaça, isto é, a necessidade do uso da bebida é recorrente. Um dos fatos que propulsiona essa necessidade está relacionado ao elemento comum a todas as bebidas alcoólicas: o álcool é um excelente combustível e aliado à larga produção de energia que o corpo realiza com a sua digestão, ou queima, ele ainda facilita a indução e manutenção do transe, turvando os sentidos e abrindo as portas para o subconsciente.

Entretanto, falando desse assunto, o prisma negativo é óbvio: a falta de limites de alguns médiuns, dirigentes e até mesmo entidades no que concerne ao uso necessário da bebida. Muitas vezes, é preciso que se use não mais que um, dois copos de determinada bebida para que se alcancem os efeitos acima enumerados, nem por isso é o que temos na prática: não raro é encontrarmos médiuns completamente fora de si, embriagados ou giras em que garrafas de bebida correm soltas como se fossem água, entidades que “entornam” em uma noite 3, 4 ou 5 garrafas de bebida.

Por mais que muitos argumentem que a entidade pode tudo, devemos lembrar que ela pode até fazer passar o efeito do álcool (não é raro que vejamos médiuns com entidades que tomaram quantidades absurdamente grandes de cachaça e ao voltarem a sua consciência não dão qualquer sinal de embriaguez, descontrole ou perda da coordenação motora), mas não pode acabar com o processo físico de queima da energia – que, aliás, é base de toda a discussão, afinal, falamos que a intenção de ingerir álcool é que esse processo físico ocorra – que, com combustível em excesso, isto é, bebida em excesso, pode originar vários problemas ao corpo do médium, tais como desgaste prematuro do fígado, doenças relativas a esse desgaste, como cirrose hepática, epilepsia induzida, alcoolismo induzido (pois, embora não haja o vício psicológico, o corpo fica dependente do processo de queima do álcool e dos derivados que se formam dentro do organismo), entre outros males. E mesmo que as entidades digam que podem, em absoluto, despendar energia para amenizar os efeitos do processo de queima do álcool, por que fazê-lo (ato esse semelhante a uma cura), por que não diminuir a ingestão do álcool e direcionar essa energia de cura para quem realmente precisa dela?

A respeito disso, cada dirigente e cada Casa tem sua própria postura. Alguns se eximem da responsabilidade, deixando para a própria entidade decidir se é válido ou não o uso constante. Outros, ainda, de maneira mais radical, acabam por banir o uso radicalmente. Ainda há os que, de alguma forma, tentam ser moderados: o consumo é livre, desde que não no corpo dos médiuns, para isso, durante as giras, os médiuns tomam muita água (para reidratar e as bebidas são depositadas nos respectivos quartos ou casinhas, de Exu, Almas ou Jurema). Por último, há os que permitem, mas restringem a quantidade: não mais que um ou dois copos.

Pode-se dizer que os mesmos parâmetros são seguidos a respeito do tabaco, e assim firma-se uma constância.

O certo que é que a discussão permeia-se dentro e fora da religião: se por um lado os dirigentes enfrentam rinhas e críticas internas; por outro, fora da Umbanda, o exagero no uso de bebidas e tabaco é constantemente um dos argumentos de maior peso nas críticas e difamações feitas por outras vertentes religiosas, em especial as cristãs protestantes.

Sustentar a razão de que essas práticas aumentam os casos de alcoolismo e vêm vinculadas à boemia excessiva, baixo rendimento no trabalho como motivo do desemprego, entre outros, faz cada vez mais jovens e

adultos procurarem se distanciar, não só da Umbanda como de outras religiões afro-brasileiras que permitem valores e práticas semelhantes. Acrescente a esse quadro um número crescente de dirigentes que adquirem moléstias diversas relacionadas às práticas constantes de suas entidades espirituais (que por vezes ficam dias incorporados, sem comer, apenas bebendo e fumando) e certo machismo brasileiro que ainda coloca a bebida e o tabaco, especialmente nas classes menos favorecidas, como “coisa de macho, coisa de quem agüenta o tranco” e teremos um panorama cada vez mais desfavorável à manutenção dessas práticas.

Entretanto fica a pergunta: devemos optar pelo que é fácil, ou pelo que é correto e de bom senso? Uma política proibitiva com certeza faria cessar certos males, entretanto, podar algo que faz parte dos ritos mais intrínsecos da religião pela falta de controle do homem e dos espíritos que já o foram não é, de forma alguma, mostrar-se a procura de verdade e luz, como ditam as palavras tão entoadas pela Umbanda.

*

Outro tema de grande polêmica na Umbanda é o sacrifício de animais. Desde os radicalmente contra até mesmo aqueles que são a favor, todos são unânimes em um ponto: não há como negar que esse fato faz parte da formação da religião, uma vez que uma de suas bases são os cultos africanos e, em todos eles, o sacrifício tem seu papel, por sinal, fundamental para a realização dos ritos. A pergunta que fica é: como abrir mão de algo que é essencial e faz parte das bases da Umbanda?

A discussão não esbarra somente na ecologia e na defesa dos direitos dos animais. Esbarra em fatores muito mais complexos como entender a natureza humana e seu papel no mundo e em relação aos outros, entender o real significado da vida dentro da religião e a relação intrínseca com o valor do sangue e, principalmente por que, por quem e para quê são feitos sacrifícios (matanças), e o que é feito dos restos materiais dos animais sacrificados depois de tudo. Mais que isso, voltar a falar de um tema espinhoso nesses casos: limites. O sacrifício de animais passa a ser um problema para a própria religião quando é feito de maneira indiscriminada, sem restrições, com excessos e sem respeito à vida que ali está sendo imolada.

A nossa opção de discutir o tema com imparcialidade, tal qual fizemos com o assunto de bebidas e tabaco, tem um motivo sólido: indepen-

dente de qual seja a opinião da casa ou do dirigente, o ideal é que cada um forme suas próprias idéias a respeito do assunto.

Então, vamos começar falando sobre a questão ecológica e de direito dos animais. Muitos argumentam que matar animais é errado, dando como motivo o fato de que muitos animais estão em extinção. O ponto é que, dos animais sacrificados na Umbanda e no Candomblé para motivos litúrgicos, nenhum faz parte intrínseca da fauna brasileira. São em geral cabras, bodes, garrotes, novilhos – no caso dos animais de quatro pés, como os chamamos – galinhas, galos, galinhas-da-angola, pombos e outras aves – no caso dos bichos de dois pés –, plenamente domesticados e criados em larga escala para abatimento e uso da carne e das peles.

Isso por que o animal selvagem conserva um tipo de energia mais arisco, arredio, que pode desequilibrar rituais e energias. Esses animais têm sua serventia, vivos, nas matas, servindo como mensageiros, entre deuses e homens, pois ainda conservam o toque primeiro da natureza.

Outros, não tão domesticados, mas criados em cativeiro (e falamos aqui em termos de espécie, e não de um único animal, criado sozinho) tornam-se tristes, perdem sua vitalidade, podendo incutir energia negativa ao sacrifício – exemplos disso são os pavões, faisões e outros animais silvestres.

Assim, é um grande equívoco falar de ecologia ao nos referirmos aos sacrifícios, uma vez que eles são feitos apenas com animais que servirão de alimento. Aliás, esse é o nosso próximo ponto, que se desenvolverá em duas linhas: a primeira refere-se a uma controvérsia polêmica e a segunda, o uso dos restos materiais.

É interessante falar sobre preservar a vida dos animais e não utilizá-los em rituais ou sacrifícios, mas deleitar-se com a carne e não manter uma dieta estritamente vegetariana – afinal, isso seria uma postura coerente.

Muitas pessoas assumem esse ponto e fazem pressão sobre os centros religiosos sem saber que não ocorre sacrifício em que o sangue não seja recolhido ou derramado sobre um lugar específico, pois é ele o líquido essencial que contém a vida; não ocorre um sacrifício sério sem que sejam retirados apenas os órgãos internos que servem de iguaria ao orixá ou entidade, para serem cozidos de maneira bastante específica, e a cabeça, aquilo que simboliza a consciência e a mente que nos aproxima do transcendente; a carne é toda aproveitada, em geral dentro da própria Casa, onde é limpa e servida como alimento aos presentes – seja no dia-a-dia, ou seja nas festas.

Essa tradição vem de antes dos negros escravos do Brasil, vem das tribos tradicionais africanas, em que ainda hoje podemos verificar algo muito interessante: o ato de alimentar-se é sagrado, é divino e por isso os deuses, espíritos naturais e antepassados também comem: alimentam-se do néctar da vida – o sangue e órgãos internos bem específicos – e de uma parte dos grãos produzidos pela tribo e ofertados como agradecimento pela fartura e prosperidade.

Todavia, é necessário entender que tudo deve sempre ser feito com limite e com parcimônia, moderação.

Para defender ao mesmo tempo explicar os pontos negativos do sacrifício de animais, valem as palavras de um sacerdote de Fortaleza, Ceará, Caio de Omolu. Ele diz, em seu livro *Umbanda Omolocô – Liturgia, Rito e Convergência na visão de um adepto* que é necessário entender o sacrifício de animais como fator necessário à religião, defendendo sua utilização. O que ele faz é chamar atenção para um fenômeno preocupante no meio umbandista: o uso indiscriminado do sacrifício de animais na rotina dos trabalhos espirituais das casas que o praticam.

É incrível como em alguns locais não se faz mais nada, sem que não se tenha um sacrifício de animal pelo meio. Para solucionar qualquer tipo de problema realize uma consulta e depois mate um ou mais bichinhos! Parece que essa passou ser a lei em determinados terreiros. Não estou falando aqui de sacrifício de bicho de quatro pés (boi, cabra, bode), estou falando do que é mais fácil, cômodo, rápido e lucrativo de se sacrificar o cocoricó, o frango ou a galinha, ou seja, bichos de dois pés.

Nestes recantos que apregoam o sacrifício de animais como solução para todos os males, o axé vermelho (sangue) passou a ser o alimento (oferenda) indispensável, principalmente para exus, pombagiras e os Orixás.

Diante dessa realidade, alerta, DIETA JÁ! Tem exus ficando preguiçosos de tanto serem alimentados, pombagiras reclamando dos quilinhos a mais e Orixás se perguntando se esse cardápio não muda.

Brincadeiras à parte, cadê as milhares de formas existentes de trabalhos, dentro da riqueza dos nossos ritos? Cadê as comidas de santo? Os pontos riscados e os ponteiros? Os descarregos de pólvora

e os pontos de fogo? A utilização dos elementos da natureza (folhas, ervas, águas, sementes etc.)? Onde foram parar as rezas fortes, os benzimentos, as giras com velas, os trabalhos realizados pela incorporação de entidades, que fazem suas mirongas utilizando vários objetos, sem que necessariamente exista como componente básico o axé vermelho?

Minha gente, o rito de sacrifícios de animais é um ritual de EXCEÇÃO, ou seja, deve ser utilizado somente em casos especiais, situações à margem do normal, após o estudo minucioso de um caso em particular, ou em rituais específicos e em última instância.
(...)

O pior é que se você for bem mais a fundo em determinados casos, dá para perceber que o uso indiscriminado do sacrifício de animais em alguns terreiros existe por conta dos seguintes pontos:

- a) É um ritual que provoca um impacto para o consulente, que hoje em dia, em geral, não pertence à religião;*
- b) É um rito complexo, que muitas vezes envolve certa quantidade de outros materiais, na maioria das vezes comprado no terreiro, onde se está sendo feito o trabalho, a um custo muito superior ao de mercado;*
- c) É um rito que gera uma salva ou mão como se fala comumente (pagamento em dinheiro) por corte (animal sacrificado);*
- d) E, por fim, as partes do animal sacrificado que não são usados, ficam geralmente para a Casa, em vez de serem distribuídos para os mais carentes.*

Tem gente enriquecendo com isso, tem gente que não sabe fazer mais nada que não envolva esse rito, tem que gente que somente encontra solução de alguma coisa se praticar esse rito.
(...)

Com tudo que expus, quero deixar bem claro que se o rito de sacrifício de animais é uma exceção, exceção também são os terreiros que trabalham errado da forma como descrevi acima.

Por fim, é necessário dizer que o julgamento de valores compete a cada leitor e umbandista, em seu bom senso e em suas buscas pessoais.

APÊNDICE III – O MASCULINO E O FEMININO NA UMBANDA E A HOMOSSEXUALIDADE NO CULTO

Falar de papéis masculinos e femininos na Umbanda em dias de liberação feminista e livre opção sexual pode ser uma faca de dois gumes, pois há uma grande incorrência de falsos libertarismos cercados de hipocrisia e ignorantes aos fundamentos da religião.

Quando falamos de papéis masculinos e femininos suscitamos as mais diversas indagações, mas muitas dessas indagações têm origem, na verdade, em uma confusão recorrente: a do ato de confundirmos essência e sexo.

Se falássemos de papéis do homem e da mulher, não falaríamos de religião e sim de convenção social, isto é, coisas que são mais aceitas se realizadas ou vividas por homens e não por mulheres e vice-versa. Contudo, estamos falando de essência, isto é, a energia primordial que polariza nossos comportamentos de gênero. A essência é constituída pelas propriedades imutáveis do gênero, descartado tudo aquilo que é mutável. Podemos remeter a um bom exemplo se falarmos de uma laranja, que é formada por propriedades químicas contidas em fluídos energéticos de partículas próprias da sua constituição molecular.

A existência precede e governa a essência. Durante a nossa existência, à medida que experimentamos novas vivências, redefinimos nosso pensamento, adquirimos novos conhecimentos a respeito da nossa essência, caracterizando-a sucessivamente. Por isso, ao falarmos de papéis dentro de uma casa de Umbanda, falamos, na verdade, daqueles a ser realizados por diferentes essências, polarizadas em feminino e masculino.

Vamos aos exemplos práticos disso, e, para tanto, colocaremos em pauta quatro situações distintas: a primeira, de que apenas mulheres podem cozinhar, isto é, ocupar o cargo de labasé; a segunda, de que apenas mulheres podem ser cambones específicos para acompanhar os Orixás e entidades em suas danças; a terceira, de que apenas homens podem tocar atabaque; a quarta e última, de que apenas homens podem cuidar do quarto ou casa das almas ou de Egun.

Sobre o primeiro ponto: apenas mulheres podem cozinhar e comandar as atividades na cozinha. Em geral, esse fato é seguido na maioria das Casas – embora, via de regra, todos devam saber preparar a comida dos Orixás e dos guias. Isso porque a mulher carrega em si a capacidade de gerar a vida e, cada vez que ela cozinha, ela coloca na comida um pouco dessa capacidade, faz parte de sua essência, de sua energia primeira.

O mesmo para a questão da dança. Entre os seres humanos, a dança por si só é um ato de liberação da essência de maneira a expandir a energia sexual, a fim de atrair um parceiro, assim, a fêmea mostra sua essência por esse meio. No caso de danças sagradas e não profanas, como as ritualísticas, caso em questão, a dança, por expandir a essência feminina e geradora da vida, alinha-se mais com a dos Orixás que são pura essência natural e divina.

Por motivo complementar é que apenas homens podem tocar atabaque: a energia deles é mais disposta à música que libera a essência feminina e a faz agir como sua própria natureza designa.

Da mesma forma, o homem, por não gerar a vida, que é frágil e delicada, possui uma resistência maior a energias como as de Egun e outros, além de ser a própria figura da constância de Exu, cujo tridente simboliza a virilidade masculina.

Mas ao falarmos a respeito de essência de gênero, isto é, feminino ou masculino, perceberemos que, diferente do que argumentam certas linhas mais conservadoras, elas nem sempre correspondem diretamente ao sexo posto em questão. Não raro é que nos deparemos com homens e mulheres que possuem essência equilibrada entre os dois pólos, masculino e feminino, e casos de pessoas que são de um determinado sexo, mas emanam e concentram energia da polaridade oposta àquilo que deveria ser.

Exemplos disso são, para o primeiro caso, sacerdotes que nascem com o dom de polarizar suas essências e, portanto, podem cumprir papéis tanto de uma coisa quanto de outra (mulheres que podem cuidar de eguns e homens que têm boa mão para cozinhar) e, no segundo caso, homens com trejeitos femininos e mulheres com trejeitos masculinos e viris.

Essas definições não têm, em absoluto, coisa alguma a ver com opção sexual, mas é o raciocínio usado por muitos sacerdotes para justificar a

livre aceitação da homossexualidade e da pluralidade sexual dentro das Casas e Templos.

Contudo, muitos também preservam que, homem dentro da Casa de santo deve portar-se “como se espera de um homem” e o mesmo para mulheres, desconsiderando casos como os citados anteriormente.

Do ponto de vista da religião, não há nada que realmente direcione o discurso social nesse sentido: a questão está dentro das comunidades e de como cada uma lida com sua realidade e seus membros.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

DELUMEAU, Jean (dir.). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

FARELLI, Maria Helena. *Comida de Santo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

MATTA e SILVA, W. W. da. *Umbanda de Todos Nós*. São Paulo: Ícone, 1996, p. 78-130.

ORPHANAKE, J. E. *Manual de Umbanda para Chefes de Terreiro*. Curitiba: Tríade, p. 116.

PINTO, Altair. *Dicionário da Umbanda*. Rio de Janeiro: Eco, 1971, p. 82-84.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAIDENBERG, Thereza. “Como surgiu a Umbanda em Nosso País: 70º Aniversário de uma Religião Brasileira”. *Revista Planeta*, nº 75: São Paulo, dez. 1978 p. 34-38.

SOUZA, Leal de. *No Mundo dos Espíritos*, 1925.

ARTIGOS

“O Fundador da Umbanda e sua Missão na Terra”. *Seleções de Umbanda*, nºs. 6 e 7, 1975.

